

TÍTULO: "O SANTO MILAGROSO"

AUTOR: LAURO CÉSAR MUNIZ

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FILIOS DE CENSURA DO TEXTO.
AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PRIMEIRO ATO

1.º Quadro: Quinta-feira pela manhã

Simultaneamente, vindos de suas respectivas Igrejas, e carregando vara de pescar e sacolas idênticas, PADRE JOSÉ e PASTOR CAMILO, alcançam a ponte. Inicialmente ao se verem param sem jeito. Depois de rápida hesitação, cumprimentam-se solenemente tirando os respectivos chapéus e fazendo leve reverência. Tomam posição na ponte, nas respectivas extremidades e simetricamente preparam-se para a pesca. Lançam o anzol na água e ali ficam estáticos, na expectativa. Momentos depois vem DITO, da Igreja Católica. Ao ver o Pastor aproxima-se rapidamente do Padre.

DITO (Cochichando ao Padre) — Vê se pesca antes!...

(Dito olha ao Pastor. O Pastor olha para ele e dá a entender que ouviu. O Padre também acaba por olhar ao Pastor. O olhar é de desafio. Voltam à atitude inicial de aparente indiferença. Dito rola pelo parapeito, de um lado para outro, num torcida respeitável. O Pastor "sente" o peixe! Dito para, assustado. A vara se curva num arco acentuado. O Padre olha-o em expectativa. O Pastor puxa o anzol, vazio... Dito sorri aliviado. O Pastor volta à posição de expectativa. Dito volta a impacientar-se, rolando pelo parapeito da ponte de um lado para outro. O Padre "sente" o peixe).

DITO (Entusiasmado) — Vai! Puxa!

(O Pastor olha apreensivo. O Padre puxa o anzol, vazio... Dito se entristece. Alívio do Pastor. Voltam os três à posição inicial)

DITO — A linha dele é maior, "seu" vigário! (É repreendido pelo olhar severo do Padre. Dito escapa para o centro da ponte e continua a torcida. Repentinamente os dois pescadores "sentem" o peixe. Dito anima-se na torcida).

DITO — Calma, "seu" vigário que é nosso!

(A luta continua. As duas varas ao mesmo tempo curvam-se acentuadamente. Os dois puxam os anzóis e as linhas convergem num mesmo peixe! Os três perplexos e momentaneamente sem ação).

DITO (Boquiaberto) — O mesmo peixe! (Debruça-se para ver melhor). Baita peixão!

(Os dois párocos estão embaraçados. Entroolham-se. Sorriem discretamente).

DITO — Metade para cada um!

(Começam a recolher o peixe e automaticamente se aproximam ao centro da ponte).

P. JOSÉ (Cedendo, aponta o peixe) — Tenha bondade...

P. CAMILO — Pode ficar com ele...

P. JOSÉ — Obrigado, mas em casa somos só dois...

P. CAMILO — Em casa não comemos peixe...

DITO — Racha no meio! Eu vou buscar a faca! (Sai correndo).

(Os pescadores tiram seus anzóis: primeiro o Pastor Camilo, depois Padre José).

P. JOSÉ — Belo peixe! (Segurando-o) Veja como pesa!

P. CAMILO — É mesmo! Nunca peguei um assim nesse ribeirão. Já é a terceira vez que venho pescar esta mês.

P. JOSÉ — O senhor aprecia a pesca?

P. CAMILO — Sou um amante dos esportes: pesca, futebol, e natação! E o senhor?

P. JOSÉ — Gosto também... (Sorri) Mas já estou ficando velho para isso... Outro dia fui pescar lá embaixo perto da curva, e de tanto ficar agachado, minhas pernas endureceram... Quase não consegui ajoelhar-me no dia seguinte, para rezar... Por pouco não cometi a irreverência de rezar de pé... (Pausa breve).

P. CAMILO — Eu também já estou sentindo a idade... Quando moço andava e jogava futebol aos sábados e domingos. Agora, só de dar uns chutinhos com meu filho, já boto a língua de fora.

P. JOSÉ — Seu filho também joga futebol?

P. CAMILO — Jogo no duro, não... Ainda não foi possível formar um quadro de futebol, na Igreja...

P. JOSÉ — Por que?

P. CAMILO — Não temos jogadores suficientes...

P. JOSÉ (Com ar de superioridade) — Nós temos três quadros: da "Cruzada", o da "Infância de Cristo" e o dos "Filhos de Maria". Se seu filho quiser, poderá jogar conosco...



Quero dizer... Acho que não haveria mal nenhum...

P. CAMILO — Obrigado... Mas meu filho atualmente estuda na capital... Vivo só com minha irmã. Meus passatempos agora são os jogos moderados: batalha naval, torrinha...

P. JOSÉ — Eu passo meu tempo arquitetando lances no tabuleiro de xadrez...

P. CAMILO — O senhor joga xadrez?!

P. JOSÉ — Jogar com quem? Eu faço de contas que jogo... Nesta cidade não há um cristão que jogue xadrez.

P. CAMILO — Eu jogo!

P. JOSÉ — O senhor joga?

P. CAMILO — Quer dizer... jogava... Agora não existem adversários... (Embaraço. Pausa).

P. JOSÉ — Pois é... Nesta terra monótona não se tem o que fazer...

P. CAMILO — Até pouco tempo ainda me divertia, nadando um pouco... Mas depois de um certo acontecimento, perdi a vontade...

P. JOSÉ — O quê, senhor Camilo?

P. CAMILO — Vi morrer um pobre homem, sabendo que poderia salvá-lo... Tiraram o coitado do rio, inchado de água e ficaram chacoalhando o homem sem conhecimento nenhum...

P. JOSÉ — O senhor sabia salvar afogado?

P. CAMILO — Sabia e sei! Pratiquei natação muito tempo e aprendi essa arte...

P. JOSÉ — Então, porque não o salvou?

P. CAMILO — Não me deixaram pôr a mão no moribundo! Diziam que era a mão do diabo!

P. JOSÉ — Que absurdo!... E depois?

P. CAMILO — Ficaram esperando o padre chegar...

P. JOSÉ — E o padre tentou salvá-lo?

P. CAMILO — Para a outra vida... Deu-lhe a "extrema-unção"...

P. JOSÉ — Ainda bem!... (Cai em si) Esse afogado não foi o Zé-Perdigueiro?

P. CAMILO — Foi...

P. JOSÉ — Então o padre era eu!

P. CAMILO — Era, sim senhor...

P. JOSÉ — Ora... Eu não sabia que o senhor entendia de salvamento... Sinto muito...

P. CAMILO — Enfim, o que passou, passou... Mas ainda há quem diga por aí que minha igreja é coisa do seu diabo!

P. JOSÉ (Ofendido) — Ora, Sr. Camilo...

P. CAMILO — Não seus adeptos mais cultos... e esses são a minoria.

P. JOSÉ — De certa forma... Aliás, minha paróquia é mesmo muito desigual, não é como a vossa que prima em selecionar a nata da sociedade da nossa cidade...

P. CAMILO — São tôdas pessoas bastante simples...

P. JOSÉ — Simples, Sr. Camilo? Eu conheço muito bem a maioria dêles.

P. CAMILO — Ah, é verdade!... Boa parte já pertenceu à sua paróquia...

P. JOSÉ — O Coronel Chiquinho e todo o pessoal do partido dêle...

P. CAMILO — ...que se converteu há pouco tempo...

P. JOSÉ — O senhor bem sabe o motivo dessa conversão!

P. CAMILO (Desafiador) — Evolução natural...

P. JOSÉ (Perdendo as estribeiras) — Manobra política! Pura e simples manobra política!

P. CAMILO — Provocada pelo Bispo de sua diocese que usava o púlpito para atacar o Coronel!

P. JOSÉ — Defender o povo, isso sim!... Bem sabe o senhor que o Coronel havia se ligado a elementos subversivos, para angariar os votos dos trabalhadores da Usina de Açúcar.

P. CAMILO — Que mal há nisso?

P. JOSÉ — Que mal há? Todo mundo sabe a côr política do líder dos trabalhadores da Usina!

P. CAMILO — O Zezão é tão cristão quanto eu!

P. JOSÉ — Não duvido!... O principal é saber o quanto o senhor é cristão...

P. CAMILO (Impulsivo) — Pesse bem, Sr. José... Pode ficar com o peixe...

P. JOSÉ — Como um bom jogador de xadrez, o senhor se retira antes do "mate".

P. CAMILO (Voltando) — Eu nunca perderia para o senhor, em terreno nenhum, muito menos nuna partida de xadrez... (Pausa).

P. JOSÉ — Isto é um desafio?

P. CAMILO — Como queira...

P. JOSÉ — Se não fôsse a situação política existente na cidade, eu teria a satisfação de derrotá-lo em sua própria casa...

P. CAMILO — Pois eu enfrento a situação e irei derrotá-lo em sua casa!

P. JOSÉ — Quando?

P. CAMILO (Clássico) — Marque o dia e a hora...

P. JOSÉ — Bem... Eu poderia recebê-lo depois da reza, hoje mesmo...

P. CAMILO — Que hora?

P. JOSÉ — Sete horas!

P. CAMILO — Local...

P. JOSÉ — Na... sacristia da igreja...

P. CAMILO — Na sacristia?!

P. JOSÉ — O senhor se opõe?



P. CAMILO — Não... Apenas quero que haja o mais absoluto sigilo, sobre esse encontro... O senhor compreende, não é?

P. JOSÉ — Hoje, Quinta-feira Santa, os fiéis passarão a noite velando o "Senhor Morto"... A praça estará vazia e o senhor poderá passar sem ser percebido.

P. CAMILO — Lá estarei às sete em ponto!

DITO — Pronto! Custei a achar a faca!

(Dito entra com a faca).

P. CAMILO — Com licença... (Pega a faca e corta o peixe ao meio).

DITO — Agora vamos tirar a sorte para ver quem fica com a cabeça! Eu vou jogar a medalha de Santo Onofre para cima. Se cair do lado do santo, ganha o "seu" vigário. Se cair do lado das letras, ganha o senhor... (Joga a medalha e apara-a).

DITO — Ganhamos! Deus está do nosso lado. (Entregando) O rabo é seu!

P. CAMILO — Obrigado. Bem, vou andando... A pesca hoje foi boa... Tive prazer em encontrá-lo... senhor vigário.

P. JOSÉ (Forçando) — O prazer foi todo meu... senhor pastor

(Solene reverência dos dois párocos. Cada qual descendo a ponte dirige-se para sua casa!

DITO (Entrando na sacristia) — O senhor viu a nossa sorte? (Exibe o peixe).

P. JOSÉ — Eu vi sua malandragem! A medalha tem um santo de cada lado: Santo Onofre e São Gabriel. E caiu do lado de São Gabriel. Deveria ser dele a cabeça...

DITO — Ele não conhece santo... Azar dele. Ficou com a bunda!

P. JOSÉ — Dito!...

DITO — Perdão "seu" vigário... Eu disse sem querer. Escapou...

P. JOSÉ — Você anda muito saidinho, ultimamente. Ainda ontem vieram me dizer que o viram na rua... (Embarça-se) ...na rua das mulheres...

DITO — Eu? Fazendo o quê, "seu" vigário?

P. JOSÉ — Ora, você bem sabe o quê...

DITO — Sei não, "seu" vigário...

(Padre José e Dito colocam os apetrechos sobre a mesa. Na casa do Pastor Camilo, Teresinha entra na sala).

P. CAMILO — Teresinha! Teresinha!

TERESINHA — Você me chamou?

P. CAMILO — Prepare esse peixe para o almoço...

TERESINHA — Cadê o resto? (Procura na sacola).

P. CAMILO — Dei a um pobre esfomeado...

TERESINHA (Pegando uma estampa na

sacola) — Que é isso? Como Jesus está acabado nessa figura!

P. CAMILO (Tomando a estampa) — Jesus? Não é Jesus! Onde estava isto?

TERESINHA — Na sacola...

P. CAMILO (Olha a sacola) — Esta sacola não é nossa!

TERESINHA — De quem é?

P. CAMILO (Embaraçado) — Do... Padre...

TERESINHA — Credo! Do padre católico? (Miopia, pega a estampa) É ele?

P. CAMILO — É São Pedro! Ponha os óculos, menina!

TERESINHA — Mas Camilo, São Pedro era católico?

P. CAMILO — Já lhe disse um milhão de vezes! Antes de Lutero era tudo a mesma coisa!

TERESINHA — Oh, é mesmo! Eu ando tão esquecida, ultimamente...

P. CAMILO — Anda aérea! Uma mulher como você tem que se preocupar única e exclusivamente, em servir a Deus.

TERESINHA — Eu não paro um minuto de pensar Nêle... Mas será que Ele pensa em mim, Camilo?

P. CAMILO — Ora Teresinha! Que blasfêmia! Você tem tudo... O que mais pode desejar na vida?

TERESINHA — Bem... já andam me chamando de solteirona. E isso humilha, não humilha?

(Na sacristia, Dito mexe na sacola).

DITO — Que livro é esse, "seu" vigário?

P. JOSÉ — Uma Bíblia... (Cai em si) Esta sacola não é nossa!

DITO — É do Pastor! Credo em cruz, vamos tirar isto daqui! Olha uma maçã!

P. JOSÉ — Deixe aí, não é sua...

DITO — Faz tempo que eu não como uma!

P. JOSÉ — É pecado tirar as coisas alheias, "meu filho"... Ainda mais do Pastor Protestante.

DITO — A gente lava em água benta. (Esconde a maçã no bolso).

P. JOSÉ — Vá até a casa dele destruir a sacola...

DITO — Até a igreja protestante?

P. JOSÉ — E volte imediatamente para casa. Não quero mais saber dessas histórias da rua das mulheres!

DITO (Saindo) — O senhor não sabe o que está perdendo!

(Na casa do Pastor Camilo).

P. CAMILO — Precisamos destruir esta sacola...



TERESINHA (Animando-se) — Se você quiser, eu vou!

P. CAMILO — Quê isso, Teresinha? Não gosto que você saia na rua sózinha!

TERESINHA — Se não fór eu, quem vai então?

P. CAMILO — Acho que não há outra solução. Mas, de óculos!

TERESINHA (Animada) — Eu vou e volto num minuto.

P. CAMILO — Não se esqueça Teresinha: o mundo é mau lá fora! Com um simples olhar um homem despe uma mulher... Se você corresponder ao olhar significa a mesma coisa... Você não quer despír um homem, quer?

TERESINHA — Ora, Camilo... Um pouco de sol não me fará mal...

(Pastor Camilo deixa a sala. Teresinha arruma-se diante de um espelho. Na praça, Dito encontra-se com o Coronel Chiquinho).

CORONEL — Dito!

DITO — Coronel Chiquinho!

CORONEL — Diga ao Padre José que preciso falar com êje!

DITO — Êle está na rua das mulheres!

CORONEL — O Padre? Fazendo o quê?...

DITO — Rezando.

CORONEL (Assusta-se) — Alguma delas está morrendo? Qual é? Não é a Djanira?!

DITO — Não... Não... O padre está na sacristia. Eu é que estava na rua das mu... Quer dizer, pensando...

CORONEL — Ah... Você me assustou...

DITO — Pode ir lá falar com êle. Agora êle está desocupado.

CORONEL — Agora quem está ocupado sou eu! Preciso tratar dos preparativos do casamento do meu filho.

DITO — É mesmo! O Alberto vai se casar! Vai ter festa, Coronel Chiquinho?

CORONEL — Vai sim... Já comprei doze porcos!

DITO — Êles deveriam se casar na nossa igreja. É bem mais bonita que a outra.

CORONEL (Desconversando) — Bem... vou andando... (De saída) Avise ao Padre José, que hoje à noite darei um pulo lá para falar com êle.

DITO — Sim senhor...

CORONEL — Lá pelas sete horas! (Sai).

(Teresinha sai de casa. Alcança a ponte. Dito também. Os dois cruzam-se na ponte. Iram, olham para traz e voltam).

DITO — A senhora não é a irmã do Senhor Camilo?

TERESINHA (Nervosa) — Sou... Você não é filho do Padre José?

DITO — Filho, não, que padre não tem filho. Eu fui criado por êle...

TERESINHA — Mesma coisa...

DITO — A sacola é a nossa? (Aponta a deia).

TERESINHA — É... Essa é a nossa?

DITO — Parece que sim!

TERESINHA (Ri desajeitada).

(Aproximam-se e destrocam as sacolas).

DITO — Já tinha me dito que a senhora era branca como cêra... Agora eu acho que a cêra é branca como a senhora...

TERESINHA — Eu tomo pouco sol.

DITO (Analizando) — É pena. Um pouquinho de sol aí, não lhe iria nada mal...

TERESINHA — O sol me arde a pele...

DITO — No começo arde, depois acostuma. Aliás é assim com tudo... Depois que engrena é u'a maravilha. É só experimentar...

TERESINHA — Uma vez eu dei uma escapadinha de casa e vi uma procissão da sua igreja. Me lembrei agora de você com aquela roupa... Não era feia, era muito bonita... Minha avó tinha um vestido parecido...

DITO — Ah... Sua avó...

TERESINHA — Você se aborreceu?... (Aproxima-se).

DITO — Eu já disse mil vêzes ao "sua" vigário, que nós precisamos de acabar com essa história da saia vermelha... As môças da cidade não me "topam" por causa disso.

TERESINHA — Mas as môças não são católicas?

DITO — São católicas dentro da igreja...

TERESINHA — Deve ser uma beleza!

DITO — O quê?

TERESINHA — A igreja por dentro. A missa que vocês rezam...

DITO — A senhora nunca viu?

TERESINHA — Não, mas eu já vi retratos.

DITO — Hoje vai ter reza. Se a senhora quiser ver, é às seis horas. Protestante pode entrar.

TERESINHA — Bem... Agora eu preciso ir embora. Tenho que fritar o peixe. (Indica) Você não se incomodaria se eu lhe pedir uma coisa?

DITO — Não. Pode pedir...

TERESINHA — Eu preferia que você não me chamasse de senhora. Eu sou solteira há bastante tempo, mas ainda não sou uma senhora...

DITO — Ah... pois não. A senhora manda... Quer dizer, você manda...

TERESINHA (Ri) — Repete...

DITO — O quê?...

TERESINHA — Você...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



DITO — Você...

TERESINHA — Ah... Como é excitante!

DITO — Muito...

TERESINHA — Qual é seu nome, mesmo?

DITO — É Benedito... É feio, eu sei, mas é o nome do santo de devoção de "seu" vigário. São Benedito é meu padrinho.

TERESINHA — Padrinho?

DITO — É... Compadre do "seu" vigário que é meu pai adotivo.

TERESINHA — Eu me chamo Teresinha.

DITO — A devoção do "seu" Camilo é Santa Teresinha?

TERESINHA — Não... Ele não tem dessas devoções...

DITO — Ah, é...

TERESINHA — Já me esquecendo! (Pega a estampa de São Pedro) Isto é seu. São Pedro. Estava na sacola.

DITO — Pra ajuda a pesca... Eu também preciso te dar uma coisa...

TERESINHA — O que é?

DITO — Adivinha...

TERESINHA — Adivinhar como?

DITO — É de comer...

TERESINHA — Então é bom-bom... Como eu gosto de bom-bons!

DITO — É fruta...

TERESINHA — Fruta! Michirica! Eu adoro michiricas!

DITO — Não é...

TERESINHA — Mamão! Eu sou louca por mamão.

DITO — Também não... Feche os olhos... Pode fechar, não se assuste... (Passa a maçã perto do nariz de Teresinha).

TERESINHA — Maçã!

DITO — Como você é esperta... Agora dê uma dentadinha...

TERESINHA — Uma dentada na maçã?

(Coloca a maçã ao alcance da boca de Teresinha. Esta prepara-se para morder. Dito deixa a maçã cair e dá-lhe um beijo rápido).

TERESINHA (Afastando-se) — Benedito!

DITO — Que foi?

TERESINHA — Acho que vou ter uma coisa! Meu coração está disparando, como trem!

DITO — Deixa eu ver... (Coloca a mão sobre o peito de Teresinha).

TERESINHA — O coração é mais para cima!

DITO — Pena...

TERESINHA — Você não devia ter feito isso... Eu sou uma moça pura!

DITO — Pura é a mãe de Deus... Você quando muito é uma moça...

TERESINHA — Está passando... (Suspi-

ra) Passou... Só ficará o pecado. Este nunca desaparecerá!

DITO — As moças da nossa igreja quando cometem algum pecado, rezam, beijam o santo e o pecado some na hora.

TERESINHA — Será? (Teresinha hesita, depois beija).

DITO — Pode ficar com ele, para casos de emergência.

TERESINHA — Obrigada... Até logo... (Vai saindo).

DITO — Quando é que poderemos nos encontrar outra vez?

TERESINHA — Acho que nunca mais... Você é de lá (Aponta a igreja católica) eu sou de cá... (Aponta sua igreja).

DITO — Isto não tem importância... A gente pode até falar com "seu" vigário. Ele sabe dar conselhos sobre tudo!

TERESINHA — Tenho medo do Camilo.

DITO — O "seu" vigário resolve isso. Eu te espero na praça às sete em ponto, pra gente ir falar com ele.

TERESINHA — Não sei se vou poder. (Teresinha vai saindo).

DITO — Procure escapar de seu irmão. O resto eu resolvo!

(Teresinha vai para sua casa. Dito desce a ponte. O Mascate acaba de se estabelecer com suas bugigangas, na praça).

MASCATE — Ai heim Dito! "Cantando" a solteirona!

DITO — Solteirona é a mãe!

(A luz cai em resistência).

2.º Quadro: Quinta-feira à noite

Os postes iluminam a praça e a ponte. Nos interiores tudo às escuras. O sino toca anunciando o fim da reza. Padre José e Dito entram na sacristia pela porta do altar. O Padre com os paramentos da reza. O sacristão com o hábito próprio. Acende a luz. Começam a tirar os paramentos.

P. JOSÉ — Apagou as velas?

DITO — Ainda não senhor...

P. JOSÉ — É preciso apagar. Estão custando os olhos da cara. Deixe acesa a de Santa Luzia! É promessa do Zé-Ceguinho. Ele está pagando...

DITO (Apontando a carteira) — Quanto deu?

P. JOSÉ (Balança o saco de moedas) — Menos de noventa...

DITO — Baixou outra vez...

P. JOSÉ — É... Não sei onde vamos parar!

DITO — A igreja está cada vez mais vazia.



P. JOSÉ — Só um milagre poderá nos salvar!

DITO — Tá tudo pronto, "seu" vigário... Eu vou indo.

P. JOSÉ — Amanhã cedo quando eu chegar, tudo deve estar prontinho... Não se esqueça de trocar o vinho do sacrário; hoje na herra da comunhão, eu bebi vinagre...

DITO — Sim senhor... (Veste o paletó).

P. JOSÉ — Faça uma oração a São Benedito antes de sair...

DITO — Já rezei lá no altar.

P. JOSÉ — Não a São Benedito, seu padrinho...

(Dito ajoelha-se diante de uma imagem coberta).

P. JOSÉ — Esta é Nossa Senhora da Aparecida! O seu padrinho é aquele (Aponta).

DITO (Depois de olhar as duas imagens) — Ah é... São da mesma alturinha... (Ajoelha-se diante de São Benedito e reza).

P. JOSÉ — Você está muito distraído, hoje... Na reza, bateu o sino três vezes fora de hora...

DITO — Duas vezes... Na Consagração escorregou da minha mão... (Pausa) "Seu" vigário, a igreja dos protestantes é a igreja do diabo?

P. JOSÉ — Quem falou isso?

DITO — Todo mundo diz; Dona Maria das Dores, chefe da irmandade, "seu" Zé do Côro...

P. JOSÉ — Bem, a igreja deles não é do diabo...

DITO — Então é de Deus também...

P. JOSÉ — É de Deus, mas eles usam meios errados para alcançá-Lo.

DITO — Sei... (Pausa. Dito pensativo) O senhor acha errado o casamento de domingo?

P. JOSÉ — O casamento do filho do Coronel Chiquinho com a Edí? (Pausa) Errado, errado, não é...

DITO — Mas a Edí é de nossa igreja e o Alberto da igreja de lá...

P. JOSÉ — Ela tem que acompanhar a religião do noivo...

DITO — Não é pecado?

P. JOSÉ — Não... Se eles se gostam, devem se casar. É mandamento de Deus: "Crescei e multiplicai-vos". O único mal para variar cai sobre a nossa paróquia...

DITO — Por quê?

P. JOSÉ — Com o casamento do Alberto, o Coronel Chiquinho ia mudar para a fazenda e doar a casa dele para a igreja.

DITO — Aquêlê baita casão?!

P. JOSÉ — Inteirinho! E eu pretendia fundar uma escola para os meninos da paró-

quia... Depois que êle brigou com o Bispo, acho que vai dar o casarão ao senhor Camilo...

DITO — E êle vai fazer uma escola para os protestantes?

P. JOSÉ — Não creio... Acho que êle vai fundar um clube.

DITO — Um clube?!

P. JOSÉ — Uma sociedade recreativa... Não é por dizer, não, mas que a igreja do Sr. Camilo parece um clube de reunião do partido do Coronel, parece...

DITO — É sim: êles ficam tôda noite num pate-papo comprido: o Coronel, o Zezão...

P. JOSÉ — Esse Zezão não me cheira nada bem...

DITO — Por que?

P. JOSÉ — Lembra da greve da Usina? Aquilo foi trauma dele... Êle recebe ordens de um pessoal da capital, pra fazer essas confusões...

DITO — Pessoal... protestante?

P. JOSÉ — Pior... (Suspira) Comunista...

DITO — Comunista?

P. JOSÉ — Psiu... fale baixo...

DITO — "Creio em Deus-Padre"... (Benze-se) — Ih!... Quase sete horas!

P. JOSÉ — Sete horas!

DITO — Preciso ir andando...

P. JOSÉ — Precisa sim...

DITO (Saindo) — Olha, "seu" vigário. Eu acho que eu tenho um recado pro senhor... Alguém me falou qualquer coisa. Não me lembro...

P. JOSÉ (Empurrando-o discretamente) — Depois você se lembra... Até logo...

DITO — Até logo. (Sai).

(Durante a cena anterior, Teresinha saiu de casa, atravessou a ponte e está esperando perto de uma árvore. Dito saindo da sacristia, vai a seu encontro).

TERESINHA — Como vai?...

DITO — Faz tempo que você está aqui?

TERESINHA — Não. Cheguei agora... Por pouco não venho... A sorte foi que meu irmão não me viu sair.

DITO (Tirando do bolso) — Ah!... Isto aqui é uma oração que "previne" as moças contra irmão bravo. Reza-se três vezes antes de cada refeição e uma vez antes de tomar banho... Dona Maria das Dores disse que não falha.

TERESINHA — A sua religião tem remédio pra tudo! Pra irmão bravo e pra beijo de namorado.

DITO — Por falar nisso, você trouxe o santo?...

TERESINHA — Trouxe...



DITO — Posso então te dar um beijo?
 TERESINHA — Outro?
 DITO — Um só... Depois você beija o santo...
 TERESINHA — Tenho medo de morrer do coração.
 DITO — Não tem perigo...
 TERESINHA — Hoje à tarde, só de me lembrar daquele beijo meu coração dava pinotes... Você me deixa tonta...
 DITO — Você ainda não viu nada... (Aproxima-se e beija Teresinha. O beijo é mais longo que o anterior).
 TERESINHA (Toma fôlego) — Dito!... Você abusou
 DITO — É só dar dois beijos no santo...
 TERESINHA — Com esse santo, você vai longe...
 DITO — Só mais um. Palavra, que ele não falha. (Beija).
 (Dito e Teresinha ficam conversando. O Pastor sai de casa ronda a praça, e depois cautelosamente bate à porta da sacristia: três batidas compassadas. Padre José diante de São Benedito).
 P. JOSÉ — Dai-me forças para engolir as indiretas do senhor Camilo. Eu quero tanto jogar uma partidinha de xadrez... (Persignase e vai abrir a porta).
 P. CAMILO — Boa noite, Senhor José...
 P. JOSÉ — Boa noite, Senhor Camilo... Entre... (O Pastor Camilo entra. Olha com certa curiosidade o ambiente) Não repare, senhor Camilo... A construção da igreja começou em 1931 e até hoje não terminou. A Diocese não tem podido nos dar muita atenção ultimamente. Tenha a bondade, sente-se.
 P. CAMILO — Ah! Eu trouxe para o senhor ver! A medalha que ganhei no torneio de xadrez do seminário... Prata pura!
 P. JOSÉ — Hum... Muito bonita! (Animado).
 P. JOSÉ — Vou lhe mostrar a minha! (Pega no armário) Um São José de ouro! Dezoito quilates!
 P. CAMILO — Ouro! (Pega a medalha) Sahu da mina?
 P. JOSÉ — Que mina?
 P. CAMILO — O Vaticano é uma mina de ouro!
 P. JOSÉ — O Vaticano é uma mina de fé! (Encaram-se furiosamente).
 P. CAMILO — De ouro!
 P. JOSÉ — De fé!
 P. CAMILO — De ouro!
 P. JOSÉ (Olhando para São Benedito) —

De ouro e de fé... (O Pastor esboça a resposta) Vamos ao nosso jogo... Sente-se... Jogue com as brancas...
 P. CAMILO — Ah... Antes que me esqueça: como o senhor deve saber, domingo realizarei o casamento do filho do Coronel...
 P. JOSÉ — Sei, sei...
 P. CAMILO — ...e aconteceu um inesperado!
 P. JOSÉ (Curioso) — Sim...
 P. CAMILO — Vou precisar da sua ajuda...
 P. JOSÉ — A Edi quer se casar aqui?!
 P. CAMILO — Não... não é bem isso... O meu órgão está trancado e eu perdi a chave. Se arrombar estragarei todo o móvel...
 P. JOSÉ — Compreendo... O senhor pode contar com meu órgão.
 P. CAMILO (Serri) — Muito obrigado...
 P. JOSÉ — Arranjarei um jeito de mandar levá-lo...
 P. CAMILO — Oh, não se incomode! Já tenho tudo preparado: Takawa, o japonês e Simão, o judeu, virão buscá-lo amanhã...
 P. JOSÉ — Seria bom que guardassem sigilo...
 P. CAMILO — Não se preocupe, os dois são inteiramente afastados das nossas atividades...
 P. JOSÉ — Ah sim!...
 (O Pastor senta-se para o jogo).
 P. JOSÉ — Por falar no casamento... Quanto o senhor vai cobrar pelo do Alberto?
 P. CAMILO — O Coronel vai fazer uma doação de cinco mil cruzeiros!
 P. JOSÉ — O quê?!
 P. CAMILO — Só de flor vai mil!
 P. JOSÉ — Mil! O preço que eu cobro para uma casamento!
 P. CAMILO — É pouco... O senhor pode aumentar à vontade, não há concorrência...
 P. JOSÉ — Minha paróquia é pobre...
 P. CAMILO — E está diminuindo, não é?
 P. JOSÉ — Como o senhor sabe?
 P. CAMILO — A minha está aumentando... (Pausa rápida. O Padre se controla olhando para São Benedito) Saio com o peão do rei! (Alguns lances).
 P. JOSÉ — O Coronel Chiquinho vai doar o casarão, para sua igreja?
 P. CAMILO — Parece que sim... depois do casamento... Jogue!
 P. JOSÉ — Oh... sim... (Joga) Que o senhor pretende fazer?
 P. CAMILO — Atacar com o cavalo!
 P. JOSÉ — Não! Digo, no casarão...
 P. CAMILO — Ah!... Ainda não sei...
 P. JOSÉ — Eu fundaria uma escola!



P. CAMILO — É uma boa idéia... Jogue!

P. JOSÉ — O senhor vai fundar?

P. CAMILO — Este ano não será possível. Meus adeptos são ainda poucos... No ano que vem talvez...

P. JOSÉ (Vitorioso) — Eu ainda tenho muitos adeptos! Poderia fundar duas escolas... O que me falta é capital...

P. CAMILO (Jocosamente) — Se Lutero não protestasse, poderíamos ter a união de elementos e capital... O Coronel sozinho garantiria o capital...

P. JOSÉ — E se... (Pausa) Não, bobagem...

P. CAMILO — O quê?

P. JOSÉ — Nada. Não daria certo.

P. CAMILO — Essa... união?

P. JOSÉ — Sim, sim...

P. CAMILO — Não podemos nem jogar xadrez...

P. JOSÉ — Poderíamos nos antecipar às recomendações do Concílio Ecumênico. Seria um colégio aparentemente materialista, administrado pelas correntes religiosas da cidade...

P. CAMILO — Criaríamos um ambiente de rivalidade entre os lados...

P. JOSÉ — Tanto melhor! Havendo rivalidade há esforço para a predominância e com isso o aproveitamento será maior! Um atleta, só se supera quando outro o ameaça!

P. CAMILO — Atleta! Poderíamos então, estabelecer disputas e competições esportivas entre eles!

P. JOSÉ — Como não?!

P. CAMILO — Futebol!

P. JOSÉ — Natação, xadrez!

P. CAMILO — Poderíamos ter com o tempo dois quadros de futebol: protestante e católico!

P. JOSÉ (Inflamado) — Base cristã para edificação de grandes homens. Grandes homens para grandes obras!

P. CAMILO — Grandes jogadores para grandes times!

P. JOSÉ — "Timor Domini principium sapientiae"!

P. CAMILO — "Mens sana in corpore sano".

(Estão no auge da felicidade. O Pastor voltando à realidade, muda de tom).

P. CAMILO — Meus superiores se oporiam... (Breve pausa. O padre estático).

P. JOSÉ — Nem os meus, nem os seus superiores precisariam saber que a escola está firmada nessas bases. Haveria uma junta diretora onde nós "convidados" faríamos parte. Nossos superiores têm de convir que a falta

de um de nós representa o fortalecimento do outro...

P. CAMILO — Assim poderá dar certo...

P. JOSÉ — Primeiro ele cederá ao senhor que nomeará a junta. Depois a junta resolverá me convidar para maior brilho da democracia dessa cidade... Um vinhozinho para comemorar a fundação do melhor colégio do Brasil!...

P. CAMILO (Demagogo) — Antes do vinho uma prece para que tudo dê certo.

(O Pastor afasta-se e reza de pé, num canto. Padre José ajoelhado diante de São Benedito. Terminada as orações, preparam um brinde. Neste meio tempo, na praça, Dito e Teresinha conversam).

TERESINHA — Será que ele atende a gente?

DITO — Atende sim. Você pode deixar que eu explico...

TERESINHA — Ih... Estou tão nervosa...

DITO — Faz "um nome do padre"... (Faz).

TERESINHA — Como é?

DITO (Pegando a mão dela) — "Em nome do padre, do Filho, do Espírito-Santo, Amem"... Beija a mão! (Teresinha beija a mão de Dito) Não, a sua! Ela obedece).

TERESINHA — Para quê se fala tudo isso?... Padre, Filho, Santo...

DITO — Não sei... Só sei que dá certo...

(O Coronel Chiquinho surge na praça).

DITO — O Coronel Chiquinho! Me esqueci de dar o recado dele pro "seu" vigário! Ele vai até à sacristia!

TERESINHA — Com o Coronel lá, nós não podemos ir...

DITO — Vamos primeiro até a igreja e depois que o Coronel sair, nós falamos com o "seu" vigário... (Saem rapidamente).

(O Coronel Chiquinho bate à porta da sacristia no momento que o Padre José e o Pastor Camilo fizeram o brinde. Padre José e Pastor Camilo se assustam. Pânico).

P. CAMILO (Falando baixo) — Quem será?...

P. JOSÉ (Nervoso) — Não sei...

(O Coronel torna a bater).

P. JOSÉ (Alto) — Quem é?

CORONEL — Eu, Padre José!

P. JOSÉ — Eu quem?!

CORONEL — Coronel Chiquinho!

P. CAMILO — Santo Deus!

P. JOSÉ — Meu São Benedito! (Alto) Um momento Coronel!

P. CAMILO — E agora?

P. JOSÉ — Agora...

P. CAMILO — Vamos enfrentá-lo!

P. JOSÉ — Ele acaba com a nossa escola!



P. CAMILO — Que importa!
P. JOSÉ — Ele vira ateu e nos manda às favas!

P. CAMILO — Que fazer?...

P. JOSÉ — Saja pela outra porta!

P. CAMILO — No altar?

P. JOSÉ — É...

P. CAMILO — No altar, não...

P. JOSÉ — Santo Deus! Deixe de preconceitos! Vá!

P. CAMILO — Não. No altar, não...

P. JOSÉ — Não é hora para isso... Venha...

(Padre José abre a porta do altar. Faz sinal, chamando o Pastor Camilo).

CORONEL — O senhor vai abrir?!

P. JOSÉ — Um momento, Coronel! Estou me vestindo! (Baixo) Vá senhor Camilo!

(Pastor Camilo abre a porta do altar).

P. CAMILO — Deus meu! Olha quem está na igreja!

P. JOSÉ (Olhando) — O Dito!

P. CAMILO — Com minha irmã! (Fecha a porta).

P. JOSÉ — Minha Nossa Senhora! Que faço? (Anda de um lado para outro desesperado. Para diante da imagem de São Benedito). Iluminai-me meu santo compadre! (Olha para imagem coberia). Já sei! (Abre o guarda-roupa).

P. CAMILO — Não!...

(Padre José pega um pano roxo grande no armário. Estende-o, segurando pelas pontas como toureiro).

P. CAMILO — Como santo?

P. JOSÉ — Como santo!

P. CAMILO (Recuando) — Isto nunca!

P. JOSÉ — Não há outra saída!

CORONEL — Padre José, aconteceu alguma coisa?

P. JOSÉ — Já vou!...

(O Padre joga o pano sobre o Pastor que a início se debate. Leva-o assim coberto até o nicho vazio).

P. JOSÉ — Sobe aí... (O Pastor obedece). Cruze as mãos na barriga!

(Padre José abre a porta. O Coronel entra).

CORONEL — Com licença, Padre José...

P. JOSÉ — Coronel Cuiquinho... (Nervoso) Entre...

CORONEL — Estava praticando seu joquinho?

P. JOSÉ — É... Sente-se Coronel...

CORONEL — Não, obrigado padre. Estou de passagem e com pressa. Temos uma reunião no partido marcada para as sete horas. Já estou atrasado...

P. JOSÉ — Ah!... Sim... A campanha vai bem?

CORONEL — De vento em pópa! Devo ganhar por mais de quinhentos votos de diferença... E digo mais: serei eleito pelos católicos! É claro... Se fôsse depender do voto dos protestantes estava perdido...

P. JOSÉ — Sei... Mas... Sente-se um pouquinho...

CORONEL — Outro dia, Padre José... Vim aqui apenas para convidar oficialmente o senhor, para o casamento do meu filho no domingo...

P. JOSÉ — Ah!... Sim...

CORONEL — Sua presença na festa é indispensável. Ainda mais o senhor que viu o Alberto nascer, que o batizou e o comungou pela primeira vez...

P. JOSÉ — Primeira e única...

CORONEL — Coisas que acontecem, Padre José! Mas Deus é testemunha de que contra o senhor eu nunca tive nada!

P. JOSÉ — Bem sei Coronel...

CORONEL — Minha briga foi totalmente com o bispo!

P. JOSÉ — Águas passadas... Assim determinou a vontade de Deus...

CORONEL — E determinou também que eu me convertesse ao protestantismo. Enquanto D. Arlindo fôr Bispo nesta vida, eu não porei os pés na igreja! (Aponta a porta do altar). Bem que eu gostaria que meu filho se casasse aqui. Uma igreja muito mais bonita, mais suntuosa, mais própria para a cerimônia... Mas por causa de D. Arlindo, friso bem, por causa de D. Arlindo, ele vai se casar na igreja dos protestantes mesmo...

P. JOSÉ — Só espero que ele seja feliz...

CORONEL — Eu mesmo confesso, padre José: tenho saudades da igreja e de quando punzava a Ave-Maria na Procissão... (Admira o ambiente) Eu ajudei a construir tudo isso! Saiba, padre, cá entre nós... De vez em quando, as coisas se apertam e eu rezo para São Benedito. Me lembro do senhor, rezo e as coisas dão certo...

P. JOSÉ — Meu santo compadre não falha, Coronel...

CORONEL — Até quando vou ao culto protestante, faço minhas orações como o senhor me ensinou... Acho que elas valem mais... Aquelas do Pastor Camilo são meio fracas... Nada como o terço e a novena da Virgem Santíssima! Olha só... (Exibe) Ainda levo a medalha da Santa Madalena comigo. Não levo na presença porque não quero que o Pastor Camilo fique sabendo... Coitado ele é um santo...



P. JOSÉ (Intencional) — É um santo sim...
 CORONEL — Mas nessas coisas de religião
 éle é meio "tapado"...

P. JOSÉ (Disfarçando) — Bem dotado,
 sim...

CORONEL — Bem, vou andando... O pes-
 soal já está me esperando.

P. JOSÉ (Incentivando a saída do Coronel)
 — Apareça Coronel...

CORONEL — Espero o senhor no domín-
 go, lá em casa! Na igreja sei que não vai mes-
 mo... Mas está certo... Dois bicudos não se
 beijam...

P. JOSÉ — Pois é...

CORONEL, (Saído) — Ainda conto com o
 seu voto!

P. JOSÉ (Sorrindo) — Vamos ver...

CORONEL — Até domingo, Padre José! Se
 me dá licença... (Beija a mão do Padre José)
 Esta mão me dá sorte! (Sai).

P. JOSÉ — Até domingo!

(O Pastor Camilo começa a descobrir-se.
 Dito e Teresinha entram. O Pastor se ajoita
 novamente).

DITO — Seu vigário!

P. JOSÉ — Dito!

TERESINHA — Boa noite, seu vigário...

P. JOSÉ — Bo-boá noite...

DITO — Esta é Teresinha, uma amiga...

TERESINHA (Desapontada) — Amiga?!

DITO (Timido) — Namorada... (O Pastor
 reage).

P. JOSÉ — Namorada... Bem... (Estende
 a mão ao alcance de Teresinha) Deus a abençoe.
 (Pausa rápida. Estáticos: o padre com a
 mão estendida).

DITO — Beije a mão!

TERESINHA (Beija a própria mão) —
 Fronto...

DITO — Não! A mão do seu vigário! (Te-
 resinha hesita, depois beija). É costume, Ter-
 esinha... (Para o padre). Ela não sabia seu vi-
 gário... É que ela é protestante...

P. JOSÉ — Protestante?

DITO (Madroso) — Sim senhor...

TERESINHA — Há algum mal nisso, se-
 nhor padre?

P. JOSÉ — Não... Não...

DITO — Ela é irmã do senhor Camilo, o
 pastor...

P. JOSÉ — Sei... sei... (Enbarça-se).
 Sente-se, Dito... Sente-se, Teresinha... (Tira
 o chapéu do Pastor Camilo que estava sobre
 uma cadeira e esconde-o. Dito e Teresinha
 sentam-se). Vamos conversar... (Pigarrela,
 procura assanto).

TERESINHA — Onde está a imagem de

São Benedito, seu padrinho?

DITO — Debaixo dêsse pano roxo, como
 os outros. Na quaresma é costume... A gente
 só descobre no Sábado de Aleluia... (Fixando
 o Pastor Camilo). Uai... Que santo é esse,
 "seu" vigário?

P. JOSÉ — Ah?... Ah sim! Um santo que
 chegou agorinha pouco...

DITO — Balta santão! Que santo é?

P. JOSÉ — São... São... São...

TERESINHA — São Sansão?

P. JOSÉ — Não! São Francisco!

DITO — Xavier?

P. JOSÉ — Assis...

TERESINHA — São Francisco de Assis!
 (Aproxima-se) Já ouvi falar muito d'ele... Gos-
 taria de ver como éle é!

DITO — Pode levantar o pano, seu vigário?

P. JOSÉ — Não! É pecado!

TERESINHA — Deve ser uma perfeição!
 Tudo aqui me deslumbra: os vidros coloridos
 da janela, a pia de-batizar, os ouros das pare-
 des, os "veloiros" de-vela, os anjos! Tem um
 parecidíssimo com o Dito!

DITO — É aquêle do altar de Nossa Se-
 nhora, seu vigário. Ela cismou que sou eu!

TERESINHA — Nossa Senhora eu conhe-
 ço da procissão do ano passado! O Camilo
 ficou sabendo que eu assisti e foi um "tempo
 quente".

P. JOSÉ — Ele achou ruim, é?...

DITO — Tudo éle acha ruim, seu vigário!
 Só vendo que homem impicante!

TERESINHA — Ele tem algumas qualida-
 des: come bem, dorme bem e anda muito bem
 vestido. Uma sujeirinha de nada na roupa, éle
 acha ruim. E sou eu que limpo!

DITO — Ele não se ajoelha quando reza,
 para não sujar a calça...

P. JOSÉ — Ora Dito, que bobagem... E
 você, Teresinha, precisa contar a éle que anda
 saindo com o Dito...

TERESINHA — Ele me expulsa de casa!
 Éle não é compreensivo como o senhor...

P. JOSÉ — Apesar d'isso, éle precisa
 saber...

DITO — Será que não dava pro senhor
 falar com éle?

P. JOSÉ — Eu?...

TERESINHA — Acho melhor não arriscar.
 Muitas vezes éle critica o seu vigário...

P. JOSÉ — Critica é?... (Olha para o Pas-
 tor Camilo) Que tipo de crítica?

DITO — Éle acha ruim do alto-falante da
 quermesse!

P. JOSÉ — Ora essa! É porque éle não
 vai!



TERESINHA — Quem me deu que éle fosse!

DITO — Ele passa o dia inteiro metido dentro daquele clube dele!

TERESINHA — Que clube?

DITO — O seu vigário disse que a Igreja de vocês parece clube de reunião...

P. JOSÉ — Dito!

DITO — ...reunião do Partido do Coronel Chiquinho...

P. JOSÉ — Eu disse... religião do partido...

DITO — Não senhor, reunião do partido mesmo... Até falou que o Pastor Camilo protegia os comunistas!

(O Pastor Camilo tem impetos de se descobrir).

P. JOSÉ — Dito!

TERESINHA — Tirando os defeitos éle não é uma pessoa má...

DITO — Você é uma moça muito bondosa... Eu até gostaria de me casar com você...

TERESINHA (Animada) — Casar comigo?... Não brinque, Dito... Meu coração é fraco...

DITO — É sério... Nem que seja pra casar nas duas igrejas!

P. JOSÉ — Você se casaria lá?

DITO — Não. Eu iria lá só pra constatar... Eu sei que o senhor não vai gostar, mas... O Deus não é o mesmo?

P. JOSÉ — Bem, que é, é...

DITO — Então dá na mesma... O principal é a gente agradecer Deus. Os santos não são muito importante...

P. JOSÉ — Quem lhe disse isso?

TERESINHA — Fui eu!

DITO — Quando ela reza, passa por cima dos santos e reza direto a Deus. Por que a gente não faz o mesmo? Acho que assim a graça chega mais depressa...

TERESINHA — Ah!... Mas rezar pra santo é tão bonito! Até gostaria de rezar ajoelhada diante de uma imagem bonita!

DITO — Você quer rezar comigo?

TERESINHA — Eu não sei suas rezas!

DITO — Eu te ensino. (Arrasta o genuflexório para perto do Pastor) Ajoelha aqui... Vamos rezar para São Francisco!

P. JOSÉ — Não!

DITO — Por quê?

P. JOSÉ — Porque... Ainda não está lento!

DITO — Ah, então pode tirar o pano pra ela ver!

P. JOSÉ (Segurando Dito) — Não!...

DITO — Se não está bento, pode!

P. JOSÉ — Você não entende nada de liturgia!

TERESINHA — Que quer dizer bento?

DITO — É um negócio que o padre faz para o santo ficar valendo.

TERESINHA — Então "benta" éle, agora...

P. JOSÉ — Agora não... Só amanhã na missa!

TERESINHA — Eu nunca vi a missa! (Para Dito) Quería te ver com a tal-saia-vermelha.

DITO (Mostrando) — É esta!

TERESINHA — Que-randa-bonita! Veste para eu ver!

(Dito se veste).

TERESINHA (Rindo) — Tal e qual a roupa que minha avó usava!

DITO — Está vendo seu vigário? Esta roupa é minha diferença!

TERESINHA (Remendando) — Em você fica um amor... Você fica nobre, másculo!

DITO (Animado) — Eu pego o missal nesta mão... (Pega-o) a campainha nesta... (Pega-a) e... Você quer ver?

TERESINHA — Quero!

DITO — Então, faz de conta que o "santinho" é um santo lá do altar. No começo entro eu e o padre. O padre na frente e eu atrás. (Aponta o genuflexório) Ajoelha aqui! (Teresinha ajoelha).

P. JOSÉ — Já disse. Isto é pecado!

DITO — Ora seu vigário... Nós não vamos rezar... Me ajude a mostrar como é... Só o começo do "Intróito"...

P. JOSÉ — Não... Não!

DITO — Quando eu entrar, você se levanta. Quando eu tocar o sino, você ajoelha. (Prepara-se e entra. Teresinha levanta-se) O "seu" vigário vai na frente. Ele diz: (Emposta a voz) "In nomine Patris et filii, et Spiritus Sancti. Amen. Introibo ad altare Dei". Eu respondo: (Diz normalmente) "Ad Deus qui iustificat iuventutem meam". Depois quando chega no "Prefácio", éle fala: (Emposta a voz) "Per omnia saecula saeculorum". E eu: "Amen", e o seu vigário: "Dominus Vobiscum". E eu respondo: "Et cum spiritu tuo". (Toca a campainha. Silêncio. Teresinha ajoelha. Também Dito. Ambiente formado para):

PASTOR (Sob o pano, com voz mística) — "Vossos corações seguem crenças diferentes. Não podem se juntar!"

DITO — MILA-GRE!

(Dito e Teresinha abraçam-se tremendo).

P. CAMILO — "Teresinha, vá para sua casa e siga os ensinamentos de seu irmão. Ele é o melhor irmão do mundo, e muito compre-



sivo. Esqueça Dito para sempre".

(Pausa, longa. Padre José se refaz da situação).

P. JOSÉ — Dito?!

(Pausa)

P. JOSÉ — Dito!

DITO — Heim?!

P. JOSÉ — Leve Teresinha daqui!

DITO — Heim?

P. JOSÉ — Leve Teresinha para casa!

DITO — O senhor escutou?...

P. JOSÉ — Escute!...

DITO — Mila-míla-milagre!

TERESINHA — Jesus...

DITO — A-cende u-ma ve-la! (Levanta-se)
MILAGRE! MILAGRE! (Começa a zanzar pela sacristia).

P. JOSÉ — Dito! Pare com isso!

DITO — MILAGRE! MILAGRE!

(Dito abre a porta da sacristia).

P. JOSÉ — Dito! Onde vai?!

DITO — Tocá o sino!

(Dito sai correndo para a praça).

P. JOSÉ — Dito, meu Deus! (Vai até à porta. Volta para atender Teresinha que começa a chorar).

DITO (Na praça) — MILAGRE! MILAGRE!
(Atuação de pessoas ao local).

1.º FIEL — Que foi?

DITO — MILAGRE!

2.º FIEL — Onde?

DITO — MILAGRE NA SACRISTIA!

1.º FIEL — MILAGRE NA SACRISTIA!

(Várias pessoas começam a chegar).

2.º FIEL — MILAGRE NA SACRISTIA!

DITO — MILAGREEEEE!!! (Sai correndo).

(Confusão de vozes que gritam: "MILAGRE NA SACRISTIA"... O sino começa a tocar. Entram pessoas de todos os lados. Alvorôço. Invadem a sacristia. Padre José despedido num canto, com Teresinha. Confusão geral. O sino continua tocando).

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Quadro único — Sexta-feira pela manhã.

Madrugada do dia seguinte. JUCA-PROTESTANTE acaba de se instalar na ponte e joga o anzol. Em primeiro plano, vindos da direita, aparecem SIMÃO-JUDEU e TAKAWA-JAPONÊS, carregando o órgão coberto por um pano. PADRE JOSÉ aparece na sacristia com uma bíbete na mão. Abre a porta no momento em que os carregadores passam.

P. JOSÉ — Entregues também esse bilhete! (Takawa pega-o. Os carregadores dirigem-se à ponte e a atravessam).

JUCA — Bom dia, seu Simão! Bom dia, seu Takawa!

(Simão e Takawa acenam com a cabeça e chegam à casa do Pastor Camilo. Batem à porta. Na sacristia, o Padre José anda aflito de um lado para outro).

P. JOSÉ (Para o santo) — Bom dia, meu "santo compadre"... Quero falar com o senhor Camilo e o Juca-Protestante está pescando justo na ponte. Preciso muito de vosso auxílio. Vou enfrentar o sentinela!

(Com certa preocupação, sai da sacristia e chega à ponte).

P. JOSÉ — Bom dia, senhor... Juca!

JUCA — Padre José! Tão cedo! Bom dia!...

P. JOSÉ — Pescando... heim?...

JUCA — É... Um pouquinho...

P. JOSÉ — Logo cedo...

JUCA — Pr'o almoço... A patroa convidou o compadre pra comer em casa, justo hoje, Sexta-feira da Paixão, que ela mais o compadre não come carne...

P. JOSÉ — Já pegou algum?

JUCA — Que o quê... Cheguei agora...

P. JOSÉ — Ontem fiquei mais de hora e meia, com vara em punho e... não peguei nada.

JUCA — Nada?!...

P. JOSÉ — Nada, nada... Aliás, nessa época do ano, não se pega peixe por aqui...

JUCA — Uai, seu padre, dessa eu não sabia...

P. JOSÉ — O melhor é rio acima, perto do cabana do finado Zé-Perdigreiro...

JUCA — Aquê que morreu afogado?

P. JOSÉ — É...

JUCA — Rio acima?

P. JOSÉ — Lá é jogar minboca e recolher peixe!

JUCA — Curioso... Os peixes que passam lá, não passam depois por aqui?

P. JOSÉ — Passam...

JUCA — Então deve dar na mesma...

P. JOSÉ — Isto eu não entendo... A natureza às vezes faz das suas. Só sei que lá pega, e aqui não...



JUCA — Então, vou pra lá... (Recolhe o anzol) — Se a pesca fôr boa eu mando alguns p'ro senhor...

(Juca desce a ponte. Padre José começa a atravessá-la. Juca reaparece).

JUCA — "Seu" Vigário?!

P. JOSÉ — Heim?!

JUCA — Ontem de noite escutei um rebolço na praça, os sinos tocaram... Depois eu escutei uma correria em frente da casa... Que aconteceu?

P. JOSÉ — É que...

JUCA — Meu filho chegou em casa dizendo que tinha sido milagre na sacristia... Eu estava meio dormindo, mas ouvi êle contar pra mulher.

P. JOSÉ — Hoje, às oito horas, eu vou esclarecer o acontecimento... Apareça lá!

JUCA — Na igreja?

P. JOSÉ — É...

JUCA — Não é por nada não, seu vigário, mas cada um da gente tem idéia diferente de religião. O senhor sabe: eu sou protestante e o Pastor pode não gostar se eu... bem... minha mulher ainda é de lá da sua igreja... Depois eu me inteirei da história com ela... (Vai saindo) Té logo...

P. JOSÉ — Até logo... (Juca sai).

(Padre José chega à casa do Pastor e êste já o espera na porta).

P. CAMILO (Sêcamente) — Entre...

P. JOSÉ (Entrando) — Com licença, senhor Camilo.

P. CAMILO (Mostrando o bilhete) — Que é que o senhor acha que eu ainda possa fazer?

P. JOSÉ — Não sei, senhor Camilo, mas eu não posso continuar sôzinho essa situação!

P. CAMILO — Continuar? Não podemos continuar!

P. JOSÉ — Que fazer, então? Contar a verdade a todo mundo?

P. CAMILO — Seria o fim de nossa carreira! Temos que colocar panos quentes na situação. O senhor não deve incentivar seus cientes a homenagear o tal santo milagroso como fêz ontem!

P. JOSÉ — Mas como? A igreja ficou cobrada de gente! Não será fácil de uma hora para outra, tirar da cabeça de tôda aquela gente que o santo não existe... O senhor precisava de ver! No momento em que eu o lenzi...

P. CAMILO — Me benzeu?!

P. JOSÉ — Com água benta!

P. CAMILO — Aquêles pinguinhos de água? Eu pensei que fôsse uma goteira ou cano vazando...

P. JOSÉ — Sou padre há trinta anos. Nunca vi tanto júbilo de fé como ontem à noite. Todos estavam quietos, elevados a Deus, na esperança de que São Francisco Xavier, quero dizer, Assis, resolvesse seus problemas, curasse seus males...

P. CAMILO — O senhor acha que tem valor aquela demonstração de fé?

P. JOSÉ — Ninguém sabia que o santo era o senhor...

P. CAMILO — Padre José, não se esqueça de que o senhor é um ministro de Deus!

P. JOSÉ — Êsse milagre é a minha oportunidade de dar a Deus mais de mil devotos conscientes e convictos!

P. CAMILO — Mas isto é uma farsa. É mais um sacrilégio!

P. JOSÉ (Clássico) — Os meios não importam quando o fim é para o bem!

(Num canto da praça, o Mascate arruma sua barraquinha).

P. CAMILO — Eu acho que o senhor não está passando bem... O senhor dormiu essa noite?

P. JOSÉ — Dormi, dormi e vi em sonhos a nossa escola cheia de crianças felizes e saudáveis, aprendendo o "ABC" da fé...

P. CAMILO — Que escola?

P. JOSÉ — Nossa escola!

P. CAMILO — Minha não!

P. JOSÉ — Mas, senhor Camilo... Nós havíamos combinado tudo... O time de futebol, os jogos entre êles...

P. CAMILO — Agora é diferente. Nossa união tornou-se impossível! Eu não posso cooperar com essa sua idéia de incentivar a fé por meio de uma farsa...

P. JOSÉ — O senhor entrará apenas com o casarão que o senhor Chiquinho vai doar! Dinheiro eu arranjarê!

P. CAMILO — Arranjará onde?

P. JOSÉ — Ontem, na coleta, as esmolas renderam mais de cinco mil cruzeiros! Duas vezes mais que o mês passado inteirinho, num só dia!

P. CAMILO — O senhor está comerciando com a fé!

P. JOSÉ — Estou comerciando para o bem geral. Apoiado no santo milagroso eu vou longe, senhor Camilo!

P. CAMILO — Mas os meios...

P. JOSÉ — Importam os fins... Os santos não chegaram a santos de rezar o dia todo! Fêz realizaram obras e foram salvos por essas obras!

P. CAMILO — Pela fé! Está no "Livro Sagrado"! "Pela graça sois salvos, por meio da



fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se vanglorie". Efésios, capítulo dois, versículos oito e nove!

P. JOSÉ — "O filho do Homem há de vir na glória de seu Pai com os seus anjos; e então dará a cada um a paga segundo as suas obras". Mateus, capítulo dezesseis, versículo vinte e sete! Do mesmo livro...

P. CAMILO — É uma questão de interpretação...

P. JOSÉ — É uma questão de confusão!

P. CAMILO — Cristo, tende piedade de uma alma que se perde!

P. JOSÉ — E o senhor precisa se perder comigo! Com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade!

P. CAMILO — Não daria certo... Numa escola organizada por mim e pelo senhor, poderia se repetir entre os alunos, o número impossível de Teresinha e Dito.

P. JOSÉ — Impossível? Senhor Camilo, éeis se amam!

P. CAMILO — Eu criei Teresinha dentro da minha igreja, inculcando nela o espírito de minha doutrina, para depois um rapaxinho qualquer, um sacristão católico, levá-la e convertê-la às suas idéias. Isto é que não!

P. JOSÉ — É um grave erro. Cada um de nós deve seguir o caminho que quiser!

P. CAMILO (Cansado) — Prefiro não discutir, neste momento.

P. JOSÉ — Então cheguemos a uma conclusão. O senhor vai me ajudar?

P. CAMILO — Bancando o santo de porcelana?

P. JOSÉ — Apenas hoje! Amanhã, Sábado de Aleluia, os santos devem ser descobertos. Até amanhã providenciarei a compra de uma imagem que tenha o seu manequim.

P. CAMILO — Manequim...

P. JOSÉ — Pelo menos que regule com o seu tamanho.

P. CAMILO — Manequim (Pausa) Isto mesmo!

P. JOSÉ — Que foi?

P. CAMILO — Tenho um manequim de alface. Ele resolverá o problema!! Tem o meu tamanho!

P. JOSÉ — Será o santo?

P. CAMILO — Me substituirá com vantagens. Pelo menos não ficará resfriado e com torçicolo...

P. JOSÉ — E onde está?

P. CAMILO — No fôrro, junto às bugigangas que guardo.

P. JOSÉ — Ótimo! Ótimo! Por que não lembrou disso antes?

P. CAMILO — Vou buscá-lo; espere um instante.

(Pastor Camilo sai. Padre José tranca a porta cuidadosamente. Na praça aparece o Jornalista: roupa velha, chapéu e u'a máquina fotográfica com "flash". Aproxima-se do Mascate).

JORNALISTA — Bom dia...

MASCATE (Eloqüente) — Bom dia, freqüês! Aliás, um belo dia! Que deseja? A imagem miniatura de São Francisco milagroso? (Levanta-o) Saiu agora do fôrno! Novinha em fôlha! Cheirando tinta! Vai levar?

JORNALISTA — Eu...

MASCATE — Leve também algumas velas: pequenas, médias e grandes, para promessas pequenas, médias e grandes.

JORNALISTA — Não, obrigado... Foi nesta igreja que ontem...

MASCATE — Foi... O senhor não esteve na igreja ontem à noite?

JORNALISTA — Estou chegando agora. Vim de São Paulo. Sou Jornalista.

MASCATE — O santo falou língua de gente, não de missa... Tem gente que viu até o santo se mexer...

JORNALISTA (Escrevendo) — O que mais?

MASCATE — Diz que o padre "tava" tão nervoso que na hora da benção do santo esparanou água pra todos os lados!

JORNALISTA — É natural...

MASCATE — Padre José é muito bom... Dizem por aí, também, que ele conversa com São Benedito e o santo responde. O povo antes pensava que era cadaquice, agora acredita...

JORNALISTA — Que horas ele vem pra cá?

MASCATE — Antes das sete éis abre a igreja...

JORNALISTA — Será que ele me atende para umas fotografias?

MASCATE — Ah atende sim!... Ele é louco por retratos! Tudo quanto é batizado e casamento éis faz questão de sair... Ah! Por falar em retratos, o senhor me iluminou uma idéia na cabeça!

JORNALISTA — Que idéia?

MASCATE — Isto aqui abre, e dentro a gente pode pôr um retrato. O senhor tira retrato do Padre José ao lado de São Francisco e a gente vende pro povo da cidade! Pode dar um dinheirão!

JORNALISTA — E a gente racha o lucro?

MASCATE — Racha no meio! Um brochinho dêsses custa pra mim sete cruzeiros... Os

retratinhos, uns cem, pequeninos, revelados no Italiano, vai ficar nus três cruzeiros cada um...

JORNALISTA — Total dez cruzeiros.

MASCATE — A gente vende por... sessenta cruzeiros! Tem um lucro de cinquenta! Vinte e cinco pra cada!

JORNALISTA — Negócio feito!

MASCATE — Abençoado São Francisco!

JORNALISTA (Pegando a imagem) — É este?

MASCATE — A dizer bem a verdade, eu nam sei... Só sei que vou vender como sendo...

JORNALISTA — Como assim?

MASCATE — Ninguém ainda viu a cara da imagem... Está coberta de roxo... O Zé-Oleiro, que me moldou essa imagem de madrugada, é ateu e não conhece São Francisco... (Aproxima-se e fala baixo) A fôrma é de Santo António, só que êle pintou uma barba...

JORNALISTA — E São Francisco tem barba?

MASCATE — Deve de ter... De cada dez santos, nove usam barba...

JORNALISTA — E vai vender de monte, heim?

MASCATE — Pois é... Acha que eu podia esperar amanhã pra ver o tal santo? Perdia um dia de trabalho...

JORNALISTA — Só amanhã, por que?

MASCATE — É o Sábado de Aleluia que o padre tira os pano-roxo...

JORNALISTA — Ah, sim!... (Olhando a imagem) Se for muito diferente é bom o senhor pegar a estrada...

MASCATE — A mulher e os filhos já estão de trouxa pronta... Até amanhã, ao meio-dia, já tô rico... Cuida aqui do mascate que vou buscar os brochinhos que estão com minha mulher. (Sai. Em sua casa, Pastor Camilo entra carregando um manequim sorridente).

P. CAMILO — Aqui está! (Coloca o manequim de pé) Da minha altura. A única desvantagem dele é que eu sou bento e êle não...

P. JOSE — Deus me perdoe, mas é questão de um só dia. Para amanhã eu vou encomendar um São Francisco na Capital... O senhor poderia fazer isso para mim...

P. CAMILO — Eu?

P. JOSE — Se eu fizer a compra, todo mundo descobrirá.

P. CAMILO — Mas, justo eu?

P. JOSE — O senhor não precisa dizer seu nome. Dê apenas o endereço.

P. CAMILO — Um São Francisco do meu tamanho... Será que tem?

P. JOSE — Se não tiver... Oh, meu São Benedito, deve ter... Tem que ter. (Abraça o manequim) Vamos Francisco!

P. CAMILO — Deixe que eu mando o Takawa e o Simão levar o Francisco...

P. JOSE — Bem... É mais seguro. Até qualquer momento...

P. CAMILO — Se precisar de alguma coisa...

P. JOSE — Acho que vou precisar...

P. CAMILO — Mande me chamar.

P. JOSE — Como?

P. CAMILO — Se o Takawa e o Simão não estiverem por perto, toque o sino!

P. JOSE — Tocar o sino?

P. CAMILO — Três toques compassados: cem, dê, dê!

P. JOSE — Ótimo! Muito obrigado! Até logo... (Vai saindo).

P. CAMILO — Assis ou Xavier?

P. JOSE — O que?

P. CAMILO — O Francisco...

P. JOSE — Assis!

P. CAMILO — Está bem, até logo...

(Padre José sai. Pastor Camilo deixa a sala. Padre José com muita cautela chega à ponte. Entra o Mascate com os brochinhos).

MASCATE — Lá está o santo padre!

JORNALISTA — Sôzinho! Que maravilha! (Corre para a ponte) Bom dia, santo padre! Fogo a bênção! (Beija a mão do padre).

P. JOSE — Deus te abençoe...

JORNALISTA — Posso tirar uma fotografia?

P. JOSE — Fotografia de mim?

JORNALISTA — Sim senhor...

P. JOSE — Pois não... (Prepara uma pose na ponte. Sorri).

JORNALISTA — Por favor padre, não sorria...

P. JOSE — Por que?

JORNALISTA — Olhe para aquela nuvem, como se estivesse vindo um balcão de anjinhos!

P. JOSE — Anjinhos!

JORNALISTA — É para o jornal!

P. JOSE — Jornal?!

JORNALISTA — Uma reportagem sobre o santo evento de ontem!

P. JOSE — Oh, não! (Sai da posição descendo a ponte. O Jornalista atrás).

JORNALISTA — Divulgação do grande acontecimento!

P. JOSE — Não! Nada disso!... (Dirige-se à igreja).

JORNALISTA (Atrás) — Uma foto apenas, ao lado da imagem milagrosa!

P. JOSÉ (Para na porta da sacristia) — Não... Não posso atendê-lo...

JORNALISTA — Deixe de modéstia, santo padre! Suas relações com Deus devem ser divulgadas. Seus superiores se orgulharão do senhor.

P. JOSÉ — Meus superiores?...

JORNALISTA — O Bispo, o Arcebispo, o Cardeal!

P. JOSÉ — O Bispo... Oh! (Abre a porta) Com licença...

JORNALISTA (Tentando entrar) Uma só!

P. JOSÉ — Por favor... (Fecha a porta e passa a chave. Suspira encostado à porta) Uff...

(Em sua casa, Pastor Camilo volta à sala com Takawa e Simão).

P. CAMILO — Vocês vão levar esse manequim até a sacristia da igreja do Padre José. Não deixem ninguém ver vocês entregarem o boneco!

TAKAWA — Vai coberto, como o órgão?

P. CAMILO — Vai... (Cobre-o)

SIMÃO — O senhor é sabido, hein? Troca bon, senhor Camilo! O órgão vale muito mais! (Simão e Takawa carregam o manequim como se fosse uma pessoa numa rede. Saem da casa do Pastor, atravessam a ponte e chegam à sacristia. O Jornalista aproxima-se "farejando").

JORNALISTA — Está muito doente?

TAKAWA — Quem?

JORNALISTA — Trouxe para o padre baner?

SIMÃO — Vamos! (Saem de perto do Jornalista)

JORNALISTA — Esperem! (Bate à porta com estardalhaço) Senhor padre! Abra a porta! É urgente!

P. JOSÉ — Não insista, rapaz!

JORNALISTA — Tem um homem morrendo!

P. JOSÉ — Morrendo?!

JORNALISTA — Precisa sua benção!

(O padre abre a porta. O jornalista se afasta, toma posição e bate uma foto, no momento em que o padre recolhe os dois carregadores com o manequim. O jornalista corre para a porta, mas esta lhe bate na cara).

JORNALISTA (Dirige-se ao Mascate) Tirei a fotografia!

MASCATE — Do padre e do santo?

JORNALISTA — Do padre recolhendo dois fiéis carregando um moribundo!

MASCATE — Não serve para a medalha!

Precisa ser do padre e do santo!

JORNALISTA — Mas serve para a edição

de amanhã do meu jornal! Onde tem um telefone por aqui?

MASCATE — Só na Companhia Telefônica! (Indica) — Por esta rua abaixo!

JORNALISTA — Vou já avisar o chefe! (Sai correndo)

(Padre José olha cuidadosamente pela porta).

P. JOSÉ — Podem ir. Não digam nada a ninguém!

SIMÃO (Estendendo a mão) — Serviço extra, seu José...

P. JOSÉ — Ah, sim... (Dá o dinheiro).

(Os dois carregadores deixam a sacristia. Padre José coloca o manequim no nicho e cobre-o com o sudário roxo. Coronel Chiquinho entra na sacristia).

CORONEL — Padre José!

P. JOSÉ (Assusta-se) — Coronel...

CORONEL — Beijo suas santas e abençoadas mãos, contrito! (Beija).

P. JOSÉ — Coronel... Eu...

CORONEL — A razão tarda, mas não falta! Eis-me de volta ao lar de Deus!

P. JOSÉ — O senhor?!

CORONEL — Padre José: analisei profundamente as minhas relações com Deus e percebi que estava no caminho errado... Esta é a verdadeira casa de Cristo!

P. JOSÉ — Oh, senhor Coronel... Sente-se... (Puxa a cadeira).

CORONEL — Não antes de encar profundamente diante da milagrosa imagem de São Francisco Xavier...

P. JOSÉ — Assis...

(O Coronel ajoelha-se diante do manequim).

P. JOSÉ — Coronel! Um momento!

CORONEL — O que?

P. JOSÉ — Não reze ainda...

CORONEL — Por que?

P. JOSÉ — Bem... é que... Antes de rezar para a imagem milagrosa o senhor tem de penitenciar-se diante das outras imagens...

CORONEL (Levantando-se) — Ah... sim... Aliás, eu gostaria também de me confessar e comungar...

P. JOSÉ — Quer confessar, Coronel? (Arastando o genuflexório) Ajoelhe aqui!

(O Coronel se ajoelha. O padre senta-se e o abençoa. Passam a falar em tom baixo e solene).

P. JOSÉ — A oração da confissão...

CORONEL — Esqueci-me... Tanto tempo...

P. JOSÉ — Então, vamos direto ao assunto... (Pausa longa).



CORONEL — Bem, o senhor já conhece mais ou menos... o assunto...

P. JOSÉ — Mas o senhor tem que falar...

CORONEL (Pigarreia) — Eu... Fui protestante... Briguei com o Bispo dentro da igreja...

P. JOSÉ — Grave, muito grave...

CORONEL — Isto fica entre nós, não é?

P. JOSÉ — É Deus...

CORONEL — Que seja... (Olha para todos os lados) Eu desviei dinheiro da prefeitura para a campanha política...

P. JOSÉ — Hum... Eu sabia!...

CORONEL — Quem pichou as paredes da igreja, fui eu mesmo...

P. JOSÉ — Eu mando a conta depois... Prossiga...

CORONEL — Se eu for eleito, vou nomear meu filho para um cargo rendoso na Prefeitura...

P. JOSÉ — Vai?!

CORONEL — Vou... Conto porque assim fico livre do pecado...

P. JOSÉ — Isso não vale...

CORONEL — Então, eu torno a me confessar, depois...

P. JOSÉ — Que mais?

CORONEL — Que eu me lembre é só...

P. JOSÉ — Por que o senhor voltou a ser católico?

CORONEL — Bem... Padre José... Um homem do povo como eu não pode se manter afastado da Igreja...

P. JOSÉ — Ainda mais em época de eleição, não é?

CORONEL — Ora, Padre José...

P. JOSÉ — E com o eleitorado todo sabendo do milagre de São Francisco...

CORONEL — Aliás, São Francisco é meu protetor... Sempre foi!... Veja meu nome: Chiquinho vem de Francisco...

P. JOSÉ — São Francisco e Coronel Francisco... Cobrição invencível! (Começam a deixar o tom solene da confissão).

CORONEL — Pela legenda o senhor me arrumou! Sabe, Padre José... Eu estava pensando. São Francisco merece uma homenagem toda especial da gente de nossa terra...

P. JOSÉ — Homenagem?!

CORONEL — Alguma coisa nunca vista!

P. JOSÉ — Que poderia ser?

CORONEL — A coisa mais bonita que eu poderia imaginar: (Levanta-se) Uma chuva de rosas!

P. JOSÉ — Chuva de rosas?!

CORONEL — Em nome do povo dessa cidade, que eu sempre representei, vou providenciar a chuva!

P. JOSÉ — Quando?

CORONEL — No Sábado de Aleluia, depois da missa, depois que eu me comungar, um avião sobrevolará a praça da igreja e lançará pétalas de rosas!

P. JOSÉ — Um avião?!

CORONEL — Os sinos tocarão e o povo cairá de joelhos elevando suas preces ao grande São Francisco Xavier!

P. JOSÉ — Onde o senhor arranjará o avião?

CORONEL — Ah... Arranjarei... Pode ser aquele que andou por aí, no ano passado matando gafanhoto.

P. JOSÉ — É verdade!

CORONEL — Momentos depois, a banda entrará tocando uma bela marcha e na frente dois homens carregarão uma faixa: "São Francisco saúda Coronel Francisco". Não, é ao contrário: "Coronel Francisco saúda São Francisco".

P. JOSÉ — Isto não!

CORONEL — Por que?

P. JOSÉ — Acho isso um...

CORONEL (Cortando) — O senhor acha isso magnífico, porque, no mesmo momento, farei a entrega da escritura do "casarão" para o senhor fundar sua Escola!

P. JOSÉ (Estupefato) — A Escola!

CORONEL — Escola São Francisco Xavier!

P. JOSÉ — Assis!...

CORONEL — E depois, numa festa só, o casamento de Alberto e Edá!

P. JOSÉ — Aqui?

CORONEL — Aqui, de certo!

P. JOSÉ — Vou enfeitar toda a igreja!

CORONEL — Mandarei vir da Capital um novo tapete de veludo!

P. JOSÉ — Vai ser uma maravilha! (Cai em si) Coronel!...

CORONEL — Hein?...

P. JOSÉ — A confissão...

CORONEL — Heim... Ah! Sim... (Ajuda-se).

(Voltam ao tom solene).

P. JOSÉ — Algum pecado mais?

CORONEL — Nenhum...

P. JOSÉ — Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, eu o perdoo... De penitência, o senhor reze no altar central... trinta e três Ave-Marias...

CORONEL — Trinta e três?...

P. JOSÉ — Vinte e dois Padre-Nossos... e quatorze Salve-Rainhas...

CORONEL — Quatorze... (Levanta-se) Mais nada?...

P. JOSÉ — Só isso...



CORONEL — Padre... eu não me lembro de cor a Salve-Rainha.

P. JOSÉ — Troque as quatorze Salve-Rainhas por vinte Padre-Nossos...

CORONEL — Dá na mesma?

P. JOSÉ — Dá...

(O Coronel vai saindo).

P. JOSÉ — Coronel! (Coronel pára?) O senhor já falou com o Pastor?

CORONEL — Ah!... O Pastor Camilo... É verdade... Bem, se ele teima em continuar protestante, que podemos fazer, não é?... (Sai)

P. JOSÉ — A Escola! A Escola! (A São Benedito) Obrigado meu santo compadre! Prometo que o próximo milagre é seu!

(Na casa do Pastor Camilo. Teresinha com gestos misteriosos, constrói rapidamente um pequeno altar para o santinho de papel; o santinho ao centro, um vazinho de flores e uma vela acesa).

TERESINHA (Ajoelhando-se) — Ofereços, milagroso São Francisco, por intermédio de São Pedro, a linda canção católica: "Louvando a Maria".

(Começa a cantar lendo num papel):

"Louvando a Maria
O povo fiel
A voz repeta
De São Gabriel:
Ave-Ave!
Ave-Maria...
Ave-Ave!
Ave-Maria"...

(O Pastor Camilo entra surpreendendo-a. Teresinha canta "Parabéns a você", levanta-se e esconde rapidamente o santinho).

P. CAMILO — Que é isso? Para que essa vela?

TERESINHA — Está muito escuro...

P. CAMILO — Escuro?... Acenda a luz...

TERESINHA — Fica muito claro...

P. CAMILO — Não entendo. Que segura na mão?

TERESINHA — Uma... figurinha...

P. CAMILO — Figurinha de que?

TERESINHA — É... Um jogador de futebol...

P. CAMILO — Deixe-me ver.

TERESINHA — Não... é...

P. CAMILO — Me dê isso aqui! (Estende a mão).

TERESINHA (Entrega e foge para o canto) — Meu São Francisco!...

P. CAMILO — São Pedro! Ele joga no Corinthians ou no Palmeiras? (Córno de eno do)

TERESINHA — Ontem, me esqueci de entregar ao padre...

P. CAMILO — Esqueceu-se... (Com ares sobrenaturais) Não sei, mas tem qualquer coisa que me diz que você não está dizendo a verdade...

TERESINHA — Que coisa?...

P. CAMILO — Parece um sópro celeste que me chega aos ouvidos e diz: A Teresinha não está contando tudo...

TERESINHA (Assustada) — Bem... eu... eu ganhei esse santinho de um moço...

P. CAMILO — Muito bem. E quem é o moço?

TERESINHA — Ele viajou, sumiu, nunca mais vai aparecer...

P. CAMILO (Místico, novamente) — Oh... Novamente, o "sópro" me diz que você não está falando sério...

TERESINHA — O moço é... é...

P. CAMILO — Pode falar.

TERESINHA — O Dito, sacristão católico!

P. CAMILO — O Dito, sacristão católico... E por que foi que ele lhe deu esse santi... essa estampa?

TERESINHA — Porque eu achei bonita.

P. CAMILO (Crispando-se, sobrenatural) — Ah! O sópro! O sópro novamente em meus ouvidos!

TERESINHA (Cortando, com resolução) — Sabe, Camilo... Eu ontem fui à igreja católica, com o Dito, e aconteceu uma coisa tremenda!

P. CAMILO (Sem dar a mínima importância) — Aposto que a coisa tremenda foi um milagre...

TERESINHA (Despontada) — Foi...

P. CAMILO — Isso acontece todos os dias na igreja dele.

TERESINHA — Eu estava com o Dito, na sacristia, e ouvi...

P. CAMILO — Por certo ouviu um santo falar...

TERESINHA — Foi... como é que você sabe?

P. CAMILO — Na minha profissão eu estou acostumado a ouvir isso duas ou três vezes por dia! Os santos católicos são muito falantes e fabricantes de milagres. Teresinha, como você é ingênua. O que aconteceu com você, ontem, acontece todos os dias, com diversas pessoas: você foi sugestionada!

TERESINHA — Sugestionada?

P. CAMILO — Enganada, iludida!

TERESINHA — Iludida? Mas eu ouvi!

P. CAMILO — Você pensa que ouviu, mas não ouviu nada... Os católicos fantasiam a



"coisa" de uma tal maneira, que você foi envolvida pelo ambiente que eles criaram.

TERESINHA — Como assim?

P. CAMILO — O Dito não estava vestido com uma roupa vermelha e esquisita, ao invés de vestir um terno comum?

TERESINHA — Uma saia ridícula como da vovó Camila.

P. CAMILO — Os vitros da igreja não eram todos coloridos, com anjos e santos estampados?

TERESINHA — Eram...

P. CAMILO — O sacristão não mandou você ajoelhar-se?

TERESINHA — Mandou.

P. CAMILO — Depois ele falou em latim, para você não entender...

TERESINHA — Falou...

P. CAMILO — Tocou uma campainha que penetra no ouvido...

TERESINHA — Tocou...

P. CAMILO — Nessas alturas, você já estava como que hipnotizada por tudo aquilo... É a técnica que os católicos usam: aguçam a imaginação.

TERESINHA — Quer dizer então, que foi tudo ilusão?

P. CAMILO — Exato!

TERESINHA — O santo não falou nada?...

P. CAMILO — Claro que não! Porcelana não fala. Você já ouviu os pratos e travessas falarem?!

TERESINHA — Não...

P. CAMILO — Pois é porcelana do mesmo jeito!

TERESINHA (Num estouro de satisfação) — Que bom! Que bom!

P. CAMILO (Surpreso) — Bom?...

TERESINHA — Bom, ótimo, maravilhoso!

P. CAMILO — Eu também acho, mas...

TERESINHA — Eu vou ser desencalhada, Camilo!

P. CAMILO — Desencalhada?!

TERESINHA — O único impecilho era o santo! Agora, eu e o Dito podemos... (Pausa).

P. CAMILO — Podem o que?

TERESINHA — Casar... Parece incrível, mas o Dito quer se casar comigo!

P. CAMILO — Casar?...

TERESINHA — Camilo, eu gosto tanto do Dito!

P. CAMILO — Eu acho que você não gosta, não...

TERESINHA — Gosto sim!

P. CAMILO — Não gosta!

TERESINHA — Quer saber mais que eu?

P. CAMILO — Quero!

TERESINHA — Não, Camilo... Isso eu tenho certeza que você não pode saber mais do que eu.

P. CAMILO — Teresinha, o que entende você de homem?

TERESINHA — E você, muito menos, Camilo!

P. CAMILO — Nem parece a minha irmã que eu criei para exemplo número um de pureza...

TERESINHA — Eu percebi logo, desde a primeira vez que aconteceu... (Para).

P. CAMILO — Aconteceu o que? O passeio pela igreja?

TERESINHA — Não... Uma coisa na ponte...

P. CAMILO — Uma coisa? Que coisa?

TERESINHA — Coisas íntimas, Camilo...

P. CAMILO — Íntimas!? Você precisa me contar tudo!

TERESINHA — O "sôpro" se encarrega disso...

P. CAMILO — Santo Deus! Teresinha, minha irmã... Você tem que me contar isso...

TERESINHA — Eu tenho vergonha...

P. CAMILO — Vergonha (Em pânico) Teresinha, o que foi que aconteceu?

TERESINHA (Nervosa) — Benedito e eu...

P. CAMILO — Benedito e você... (Pausa) Fale, criatura!

TERESINHA — Não me olhe assim, Camilo...

P. CAMILO — Assim como?

TERESINHA — Nós ficamos sôzinhos na ponte... (Para)

P. CAMILO — Continua...

TERESINHA — Começamos a conversar... Aí éle...

P. CAMILO — Aí éle...

TERESINHA — Me ofereceu...

P. CAMILO — Ofereceu o que?

TERESINHA — A maçã! Colocou a maçã entre nós, deixou-a cair e nós... (Pausa) Você compreendeu?...

P. CAMILO — Maçã entre você... MAÇA! (Atordado) Gênesis, capítulo três, versículo seis!

TERESINHA — Gênesis?

P. CAMILO — O fruto proibido!

TERESINHA — Daquele momento em diante, eu comeci a amá-lo!

P. CAMILO — Oh céus!

TERESINHA — Eu pequei, Camilo?

P. CAMILO (Desesperado) — Você ainda pergunta?

TERESINHA — Mas eu gosto dele!



P. CAMILO — Onde está o vigarista? Viajou?

TERESINHA — Não! Deve estar na igreja.

P. CAMILO — Vá imediatamente falar com ele!

TERESINHA — Falar com ele?

P. CAMILO — E eu falarei com o senhor José!

TERESINHA — Por que?

P. CAMILO — Ele vai se casar com você!

TERESINHA — Casar? Casar? Você acha que nós podemos?

P. CAMILO — Podem não! DEVEM!

TERESINHA — Camilo (Abraça-o) Eu sabia que você me entedia! Aquêlê santo não entende de nada!

P. CAMILO — Traga o safado imediatamente até aqui!

(Teresinha está exultante e sai rapidamente para a ponte).

P. CAMILO (Trágico) — O castigo veio rápido como um raio!

(Na sacristia, Dito, que chegara momentos antes, ajuda Padre José a ornamentar o nicho do santo milagroso).

P. JOSÉ — Vou abrir a porta da frente para os fiéis visitarem o milagroso. Coloque a urna de dinheiro perto do nicho. (Sai).

(Teresinha chega à sacristia. Bate à porta. Dito abre, ela entra e o abraça de supetão).

TERESINHA — Dito! (Beija-o).

DITO — Eh! (Desvencilha-se) Que foi?

TERESINHA — Nós vamos casar!

DITO — HEIN?!

TERESINHA — Nós vamos ser marido e mulher!

DITO — Meu santo!... Que deu em você?...

TERESINHA — Este santo não entende de nada!

DITO — Teresinha!

TERESINHA — Meu irmão acha que nós podemos nos casar!

DITO — Casar contra a vontade de (Benze-se) São Francisco milagroso?

TERESINHA — Milagroso uma "ova"!

DITO — Creio em Deus-Padre! Ajoelha-se! Meu santo! Perdoa! essa hereje!

TERESINHA (Puxando-o) — Levanta, Dito! O Camilo aprova o nosso casamento!

DITO — Teu irmão não é santo!

TERESINHA — Ele falou garantido pela Bíblia!

DITO — Que Bíblia?

TERESINHA — Livro dos santos! Se nós não casarmos, estamos contrariando os capítulos da Bíblia.

DITO — A Bíblia não vale nada. Mais vale São Francisco que é santo!

TERESINHA — Quem escreveu a Bíblia foi uma turma de santos: São Mateus, São Lucas, São Marcos, Santa Gênesis... É essa que nós estamos contrariando.

DITO — São Francisco é mais importante. Não se engana nunca.

TERESINHA — O Camilo também nunca se engana em coisas da Bíblia.

DITO — Não adianta, Teresinha! O que São Francisco falou, tá falado... Por mim, bem que eu gostaria de casar. Homem que não casa acaba envelhecendo na rua das mulheres.

TERESINHA — O milagre foi sugestão!

DITO — Sugestão de quem?

TERESINHA — Foi ilusão, mentira!

DITO (Afasta-se) — Teresinha, que sacrilégio! Eu escutei muito bem. É melhor você ir embora.

TERESINHA — Você não vai sentir a minha falta?

DITO — São Francisco acima de tudo!

TERESINHA — Está bem... Eu vou embora...

DITO — É ordem do Espírito Santo...

TERESINHA — Espírito de porco, isto sim... (Pausa) Bem, Dito, eu estou indo embora...

DITO — Adeus...

TERESINHA (Oferecida) — Adeus...

DITO (Quase cedendo) — Adeus...

(Teresinha abraça e beija Dito e sai correndo para a ponte. O Padre José entra com o Coronel Chiquinho na sacristia).

P. JOSÉ — Dito, vá até a porta e organize o pessoal em fila.

(Dito, zozno, dirige-se à porta da rua).

P. JOSÉ — A outra porta, Dito

(Dito abstraído atravessa a cena em toda a extensão e sai. Teresinha chega em sua casa, chorando convulsivamente).

P. CAMILO — Que foi, Teresinha?

TERESINHA — Ele preferiu São Francisco!

P. CAMILO — O quê?!

TERESINHA — Ele não gosta de mim. Não quer casar comigo!

P. CAMILO — Não quer? Nesta altura ele não tem querer! Sem vergonha, aproveitador! Ele vai se casar com você!

TERESINHA — Se ele não gosta de mim, você não pode obrigar!

P. CAMILO — Eu não posso, mas o Dr. Delegado pode! (Veste o paletó) Vou pôr a limpo esta situação, agora mesmo!

Março - Abril de 1967

Pastor Camilo sai. Quando dirige-se para a ponte, aparece um grupo de pessoas seguindo dois homens que carregam outro numa rede suspensa por uma vara. O Pastor Camilo para na ponte).

1.º FIEL — O Juca caiu n'água e tá morrendo!

2.º FIEL — O Juca tá morrendo!

3.º FIEL — O Juca caiu n'água!

2.º FIEL — Tá moribundo!

4.º FIEL — O moribundo tá morrendo!!

3.º FIEL — Leva p'ra igreja

(Um fiel entra na sacristia).

1.º FIEL — Seu vigário! O Juca tá morrendo!

P. JOSÉ — Que?

(Entra pela porta do altar uma mulher, chorando).

MULHER — "Seu" vigário! Meu marido tá agonizando!

P. JOSÉ — Que foi?

CORONEL — Como foi?

1.º FIEL — Foi pescá rio acima, perto da cabana do finado Zé-Perdigueiro e o barranco despencou com ele!

CORONEL — Que foi fazer lá? Ninguém pesca lá!

1.º FIEL — Ele devia pescar na ponte!

P. JOSÉ — Santo-Deus! Onde está o Juca?

(Entram na sacristia com o moribundo).

MULHER (Ajoelhando) — São Francisco milagroso! Salva meu marido!

P. JOSÉ — Ai, meu São Benedito!

(O povo invade a sacristia. Dito entra).

MULHER (Em prantos) — Faz um milagre, meu São Francisco! Por Jesus, Maria, José, Deus, São Onofre e todos os anjos do céu!

(A mulher cai de joelhos. Algumas pessoas a imitam).

DITO — Uma vela, seu vigário?

P. JOSÉ (Afrito) — Não... É melhor... Bem...

CORONEL — Vamos tentar uma massagem!

1.º FIEL — Massagem não resolve!

2.º FIEL — Vamos rezar ao santo, Coronel!

MULHER — Vamos rezar, todo mundo!

CORONEL — Está bem... Eu puxo uma Ave-Maria! (Ajustam-se) "Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco"...

P. JOSÉ — Um momento!!!

CORONEL — "... Bendita sois vós, entre as mulheres, bendito é o fruto..."

P. JOSÉ — Esperem! Esperem!!!

CORONEL — "... Vosso ventre, Jesus".

OS FIEIS — "Santa-Maria, Mãe de Deus, rogai por nós..."

P. JOSÉ (Pegando um sino e batendo) — Atenção! (Pausa) Atenção! Todos devem ir rezar no altar-mor!

DITO — Todo mundo prá igreja!

(Movimento. Os fiéis começam a sair).

MULHER (Beijando as mãos do Padre) — Salve meu marido! Por tudo que lhe é sagrado! É o único que eu tenho! (Sai).

1.º FIEL — Isto foi castigo. O Juca nunca veio à igreja!

2.º FIEL — Ele é protestante!

CORONEL — Eu fico com o senhor...

P. JOSÉ — Nada disso, vá puxar a Ave-Maria no altar!

CORONEL — Ah, sim... Isto mesmo (Sai).

(A sós, Padre José, Dito e o moribundo).

P. JOSÉ — Dito, vigie a porta... Não deixe ninguém entrar... Preciso de muita concentração.

DITO — Sim senhor...

P. JOSÉ — Toque o sino três vezes: dém-dém-dém! Só três batidas compassadas...

DITO — Três vezes?

P. JOSÉ — Compassadas...

DITO — Não pode... Hoje é Sexta-feira da Paixão. É proibido tocar sino...

P. JOSÉ — Oh!...

DITO — Se quer, eu toco mairaca...

P. JOSÉ — Não adianta, precisa ser o sino...

DITO — Frá que?...

P. JOSÉ — Para chamar o santo! Bem, toque o sino: em casos de urgência como isto, não faz mal...

DITO — Está bem... (Sai).

P. JOSÉ — São Benedito me salve, salvando esse moribundo! Se o senhor me ajudar, eu prometo dizer ao povo que o senhor ajudou São Francisco! (Olha para Juca) Santo-Deus, que aguaceira! Que faço? (Anda de um lado para o outro. O sino toca três vezes compassadamente) Será que o "santo" vem?...

(O Pastor ouve e depois de rápida hesitação, desce a ponte, dirigindo-se à sacristia. O padre abre a porta. A praça está vazia. O Pastor Camilo chega).

P. JOSÉ — Senhor Camilo... Entre! Entre logo!

P. CAMILO (Ao ver Juca) — Que foi?

P. JOSÉ — Afogado por minha culpa!

P. CAMILO — Em água benta?

P. JOSÉ — Eu mandei ele pescar rio acima, ele foi e caiu n'água...

(Pastor Camilo tira o paletó e arregaça as mangas).



P. CAMILO — Está mal! Não sei o que posso fazer...

P. JOSÉ — Faça um milagre!

P. CAMILO — Só assim mesmo...

P. JOSÉ — Ah, se ele morre!...

P. CAMILO (Friccionando Juca) — Não sei não, pode ser...

P. JOSÉ — O santo pode não falhar!...

(O Pastor Camilo intensifica a massagem).

P. JOSÉ — Fôrça!

(Padre José anda nervosamente de um lado para o outro).

P. CAMILO — Pare de andar, senhor José!

P. JOSÉ — Que posso fazer?

P. CAMILO — O senhor pode me ajudar...

P. JOSÉ (Arregaçando as mangas) — Que faço?

P. CAMILO — Faça uma oração!

P. JOSÉ — Gração?! (Pausa) Serve católica?

P. CAMILO — O senhor não sabe outra?

P. JOSÉ — Não...

P. CAMILO — Então, "sspeque" a católica...

(Padre José ajoelha-se diante do manequim)

P. CAMILO — Nem sinal de vida!...

P. JOSÉ — Ah... São Francisco, ajuda-me!

P. CAMILO — É o pior caso que já vi...

P. JOSÉ — Eu não fiz por mal... (Chora) Perdoai-me!

P. CAMILO — Ele bebeu o rio todo!

P. JOSÉ — Meu São Francisco de Assis!...

P. CAMILO — Venha cá. Segure os braços dele, assim, para cima!

(Padre José segura. O Pastor faz bruscos movimentos com Juca).

P. CAMILO — Um-Dois! Um-Dois! Levante e abaixe os braços! Um-Dois! Um-Dois!

P. JOSÉ — Um-Dois! Um-Dois! Não me castigai Senhor! Um-Dois! Um-Dois!

P. CAMILO — Fôrça!

P. JOSÉ — Um-Dois! Um-Dois! Um-Dois!

P. CAMILO — Rápido!

P. JOSÉ — Um, dois, um, dois, um, dois, um...

P. CAMILO — Mais! Mais!

P. JOSÉ — Um, dois, um, dois, um...

(O Padre acelera o movimento. Os dois compõem uma cena de movimentos grotescos e rápidos).

P. CAMILO — Está voltando!

P. JOSÉ — Está?!

P. CAMILO — Vamos Juca, reaja!

P. JOSÉ — Vamos!

P. CAMILO — Respire fundo!

P. JOSÉ — Respire!

P. CAMILO — Vamos, homem!

P. JOSÉ — Vamos!...

P. CAMILO — Pare! Largue!

(Juca espirra água pela boca e balbucia alguma coisa).

P. JOSÉ — Viva!!!

P. CAMILO — Está salvo!

(Padre José e Pastor Camilo abraçam-se alegres).

P. JOSÉ (Para o manequim) — Obrigado, meu São Francisco!

P. CAMILO — De nada...

P. JOSÉ — Oh, Pastor... O senhor é um santo!

(Juca reage bem)

P. JOSÉ — Ele está voltando. O senhor precisa ir antes que ele o vejo...

P. CAMILO — Eu vou, mas volte!

P. JOSÉ — Volta?

P. CAMILO — Precisamos falar sobre um assunto importante!

P. JOSÉ — A Escola?

P. CAMILO — Sobre Dito e Teresinha!...

P. JOSÉ — Dito e Teresinha...

JUCA (Balbucia) — Peixe... peixinho... peixão...

P. JOSÉ — Mais tarde o senhor pode voltar...

JUCA — Peixe... peixinho... peixão...

P. JOSÉ — Depois que o pessoal fôr embora... (Empurra-o discretamente) Muito obrigado...

P. CAMILO — Até já...

P. JOSÉ — Até já... Vá com São Francisco! (Abre a porta e o Pastor Camilo sai).

P. CAMILO — Obrigado... Prefiro ir sozinho...

(O Padre se recompõe, acende uma vela e segura-a com expressão de santo. Vai até à porta do altar e abre).

P. JOSÉ — DITO!

DITO (Entrando) — Morreu?!

MULHER (Entrando) — JUCA! (Corre para ele) Juca!

JUCA — Peixe... peixinho, peixão...

MULHER — Vivo! Milagre! Milagre!

(A sacristia é invadida. Alguns crentes correm pela praça até à porta da sacristia).

1.º FIEL — Milagre!

MULHER — O Padre salvou Juca!

2.º FIEL — Milagre na sacristia!

3.º FIEL — O Padre ressuscitou Juca!

4.º FIEL — JUCA RESSUSCITOU!!!

FIEIS — MILAGRE! MILAGRE! MILAGRE!

(O Jornalista aparece correndo).



JORNALISTA — Com licença... Com licença... (Entra na sacristia. Dois fiéis carregam Juca para a Praça. A multidão vai atrás, numa verdadeira apoteose. Espoecam os "flashes". O Mascate vende imagens(Confusão de vozes).

1.º FIEL — O Padre José! O Padre José!

2.º FIEL — Onde está êle?!

3.º FIEL — Na sacristia!

JUCA — Peixe... peixinho... peixão...

... (A multidão pára e volta-se para a porta

da sacristia. Dito vai buscar o padre que com ar de santo e vela em punho, aparece na porta. Faz-se respeitoso silêncio).

JUCA — Peixe... peixinho... peixão...

(O povo começa a ajoelhar-se. No meio da multidão, apenas uma pessoa está de pé: é D. ARLINDO, o BISPO que acaba de entrar).

P. JOSÉ (Pânico) — D. Arlindo!!! (Deixa cair a vela).

FIM DO SEGUNDO ATO

3.º ATO

No cenário, perto do manequim: flores, muletas, braços de cera, velas. Padre José está escrevendo e contando o dinheiro. O Mascate, na praça, também conta a sua féria. Takawa e Simão, carregando o órgão coberto, atravessam a ponte no sentido contrário ao do ato anterior; dirigem-se à igreja católica. O Jornalista entra e vai ter com o Mascate

MASCATE — Conseguiu?

JORNALISTA — Que nada! Olhe só! (Exibe fotografias). O Padre não saiu em quase nenhuma! Nesta, o Zé passou na frente, nesta a mulher do afogado cobriu o santo. Nesta, eu tremi!

MASCATE — Puxa vida! Falta de sorte... Eu já tenho mais de cinqüenta encômendas da medalha com retratos do padre e do santo.

JORNALISTA — A igreja está aberta?

MASCATE — Daqui a pouco é a missa da Aleluia... Vão descobrir os santos e eu tenho que cair fora.

JORNALISTA — Acho que vou fazer uma coisa, não muito católica...

MASCATE — Que coisa?

JORNALISTA — Entrar na sacristia e ficar escondido... Possivelmente, depois da missa, o padre ajoelhará diante da imagem para uma oração. Ai então, eu bato a chapa e saio correndo!

MASCATE — E onde você vai se esconder?

JORNALISTA — Se não me engano, lá tem um guarda-roupa velho...

MASCATE — E... Vale a pena tentar... Depois a gente revela os retratinhos e coloca na medalha... Mas quem vai vender é você, porque nessas alturas eu já estou no trem!

JORNALISTA — Depois te encontro aqui?

MASCATE — Na estação, esperando o trem.

(O Jornalista sai. O Mascate o acompanha até certo ponto. Pastor Camilo, deixando sua casa, atravessou a ponte e chegou à sacristia. Bate à porta).

P. JOSÉ (Atendendo) — Entre depressa!

P. CAMILO — Não se preocupe... A praça está vazia.

(O Pastor Camilo entra. O Mascate retorna a seu lugar).

P. JOSÉ — É uma loucura esta visita! Quase meio-dia! A imagem verdadeira ainda não chegou. O senhor fez o pedido direitinho?

P. CAMINHO — Deverá chegar no trem das onze e quarenta e cinco. Não se preocupe... Está tudo combinado: Takawa e Simão esperarão na estação e trarão para cá, antes do meio-dia!

P. JOSÉ — Em cima da hora! O Bispo vai querer descobrir as imagens logo depois... Se êle der de cara como o manequim... Nem quero imaginar!

P. CAMILO — Por onde anda êle?

P. JOSÉ — Saiu para visitar as casas dos fiéis que alcançaram graça do santo milagroso. Deu a entender que eu serei transferido para outra Paróquia, se o ambiente criado pelo milagre não o satisfizer...

P. CAMILO — Transferido, depois de trinta anos?

P. JOSÉ — Eu me sentirei como peixe fora d'água! Eu vi nascer esta cidade, construí esta igreja, batizei toda esta geração e casei os pais... Ai de mim, se não puder morrer aqui e ser enterrado nesse mesmo cemitério... que eu mesmo estreei abençoando Zé-Coveiro, o primeiro morto...

P. CAMILO — Viu os jornais?

P. JOSÉ — Jornais?



P. CAMILO (Coloca-os sobre a mesa. Pegando um) — "Padre milagroso ressuscita mortos!"

P. JOSÉ — Que exagero!

P. CAMILO — "Pescador moribundo salvo por São Francisco de Assis!"

P. JOSÉ (Pegando outro) — "Cura de doentes por velho padre milagroso"! Oh, o Bispo vai ficar furioso com isso!

P. CAMILO (Lendo outro) — "Romarias partem de todos os pontos do Estado rumo à cidade milagrosa". Mais adiante: "Esperam alcançar graças do santo padre".

P. JOSÉ — "Exploração da fé em pequena cidade..." Exploração?!

P. CAMILO — Jornal de esquerda...

P. JOSÉ — Vamos guardar isto! (Coloca-os no armário).

P. CAMILO (Lendo o livro que estava sobre a mesa) — Contabilidade do milagre?

P. JOSÉ — É... Estou organizando...

P. CAMILO — Qual o saldo?

P. JOSÉ — Mais de trinta mil cruzeiros em dois dias.

P. CAMILO — Trinta mil! O negócio é rentoso...

P. JOSÉ — Vou empregar tudo na reforma do casarão, para escola!

P. CAMILO (Sem convencer) — Muito bem... Consegui então o que queria... Além do Coronel, muitas outras pessoas voltaram para sua igreja...

P. JOSÉ — Não se incomode, senhor Camilo... Interesses políticos!

P. CAMILO — Não... É fé no duro... Muita gente "virou" depois do milagre da salvação do Juca-Protestante, agora Juca-Católico... Todo mundo tem medo de ser castigado como o Juca... Minha igreja, hoje, na hora do culto estava vazia de se ouvir o rio passar...

P. JOSÉ — Eu sei o que é sentir-se abandonado...

P. CAMILO (Suspiro profundo) — É... (Interesseiro) Ainda bem que me resta a escola...

P. JOSÉ — A escola? Mas o senhor não havia desistido?

P. CAMILO — Pensei melhor sobre o caso e acho que o senhor tem razão: com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade!

P. JOSÉ — E se eu for transferido?

P. CAMILO — Farei o possível para levar nossa ideia avante. Não se preocupe...

P. JOSÉ (Iônico) — E muita bondade de sua parte...

P. CAMILO — Tenho um nome ótimo para a escola: Escola do Novo Pensamento Cristão!

P. JOSÉ — Mas, nessa escola, poderia se repetir entre os alunos o tal "impossível número de Dito e Teresinha"...

P. CAMILO — Não é impossível!

P. JOSÉ — Não é mais?

P. CAMILO — Não. Eu evolui naquele raciocínio, e acabei concordando com o senhor: eles devem continuar juntos pelo casamento!

P. JOSÉ — Casamento?

P. CAMILO — Ainda mais agora! Aliás, sobre este assunto, precisamos marcar a data!

P. JOSÉ — Data de que?

P. CAMILO — Data do casamento...

P. JOSÉ — Entre Dito e Teresinha?

P. CAMILO — É claro! O senhor ainda não está a par da situação?

P. JOSÉ — Que situação?

P. CAMILO — Dito não lhe falou nada?

P. JOSÉ — Disse que a Teresinha tinha vindo visitá-lo...

P. CAMILO — Só?

P. JOSÉ — Só... Que mais?

P. CAMILO — Que rapaz safado!

P. JOSÉ — Por que?

P. CAMILO — Por que não quer se casar?

P. JOSÉ — Ele não quer contrariar São Francisco!

P. CAMILO — Ele tem que contrariar São Francisco!

P. JOSÉ — Eu não entendo mais nada!

P. CAMILO — Eu vou ser tio, senhor José!

P. JOSÉ — Tio?

P. CAMILO — Tio do filho de Dito...

P. JOSÉ — Tio do filho... Repete, senhor Camilo, eu acho que não escutei bem...

P. CAMILO — Eu vou ser tio do filho de Dito...

P. JOSÉ (Analisando devagar) — O senhor vai ser tio do filho de Dito... (Pausa) Acho que o senhor está enganado... O senhor quer com isso dizer que... Dito e Teresinha... (Embaraço).

P. CAMILO — Isso mesmo: Dito e Teresinha. (Embaraço).

P. JOSÉ — Mas como?!

P. CAMILO — Como todo mundo...

P. JOSÉ — Mas o Dito é um menino tão ingênuo...

P. CAMILO — A Teresinha também... Mas acontece que juntaram as ingentidades...

P. JOSÉ — E quando foi?...

P. CAMILO — Anteontem...

P. JOSÉ — Anteontem...

P. CAMILO — Na ponte...

P. JOSÉ — Na ponte... Na ponte!

P. CAMILO — Uniram-se e nos uniram!

P. JOSÉ — Na ponte!

P. CAMILO — Eles! Nós, aqui!



P. JOSÉ — Será difícil convencer Dito!
P. CAMILO — Temos que convencer!
P. JOSÉ — Que diz a Bíblia sobre isso?
P. CAMILO — A Bíblia não diz nada, mas o Código Penal é bastante claro!
P. JOSÉ — Dito é o maior devoto do santo milagroso!
P. CAMILO — Só há uma solução: o santo voltar atrás!
P. JOSÉ — Os santos não voltam atrás!
P. CAMILO — Nem os delegados, senhor José... E eu falei com o Dr. Delegado...
P. JOSÉ — Nesse caso...
P. CAMILO — São Francisco verificou, de ontem para hoje, que Dito pela sua fé, e Teresinha pelo seu amor, mereciam continuar juntos...
P. JOSÉ — São Francisco vai falar novamente ao Dito?
P. CAMILO — Vai.
P. JOSÉ — E muito arriscado... Pense no Bispo, senhor Camilo... O Bispo!
P. CAMILO — Penso em Teresinha...
P. JOSÉ — Espere o Bispo partir!
P. CAMILO — Quando o Bispo se fôr, poderá levá-lo junto. E sem o senhor eu não poderei fazer o milagre.
P. JOSÉ (Choroso) — O Senhor também acha que o Bispo vai me transferir...
P. CAMILO — Preciso pensar em todas as hipóteses.
P. JOSÉ — É... até o senhor acha... eu também acho... Estou mesmo perdido...
P. CAMILO — O milagre tem que ser antes do meio-dia!
P. JOSÉ — Eu não sei ser padre noutra lugar...
P. CAMILO — Esta é a última meia hora que os santos estão cobertos.
P. JOSÉ — No fundo eu sou um homem infeliz...
P. CAMILO — Vamos preparar o novo milagre!
P. JOSÉ — Sonhei tanto com a escola...
P. CAMILO — O senhor deve deixar-me a sós com Dito. Mande-o acender uma vela, ou fazer uma oração, que eu farei o milagre...
(Pastor Camilo descobre o manequim, coloca-o dentro da guarda-roupa e fica com o pano na mão. Vindo da esquerda, o Bispo enfra na praça. Uma comitiva o acompanha tendo Juca à frente. Durante a cena seguinte o Padre e o Pastor preparam tudo para o novo milagre).
BISPO — Obrigada pela companhia!...
JUCA — Disponha, senhor Bispo...

BISPO — Onde está o tal vendedor das imagens?
JUCA — Ali na esquina...
BISPO — Onde está a esquina?
1.º FIEL — No fim desta rua, no começo da outra...
BISPO — Oh... Leve-me até lá... Não enxergo nada sem os óculos!
(A comitiva acompanha a Ilustre figura. O Mascate percebe e mansamento vai se retirando).
JUCA — Um momento, mascate!
MASCATE — Ah! Bom dia, senhor Bispo. Deus o guarde...
BISPO — É o senhor que tem para vender uma imagem de São Francisco?
MASCATE — Eu?... Ah... Sim...
BISPO — Deixe-me ver.
(O Mascate entrega uma imagem ao Bispo que a aproxima dos olhos como se a cheirasse).
BISPO — Um pouco diferente, talvez...
MASCATE — Daquele que está no céu?
BISPO — Das outras imagens de São Francisco!
(Os Fieis apertam o círculo ameaçando o Mascate).
MASCATE — Essa é meio moderna... Futurista!
BISPO — Ah! Futurista!
MASCATE — Como as da capela de Brasília...
BISPO — Por enquanto não posso situá-la em nenhuma corrente de arte clássica ou moderna... Meus óculos estão na bagagem e eu sem eles enxergo muito mal.
MASCATE (Aliviado) — É uma pena... O senhor ia gostar muito...
BISPO — Façamos um trato: se esta imagem se assemelhar à imagem da sacristia, muito bem; caso contrário, o senhor vai devolver o dinheiro a todos os compradores e passar alguns dias meditando...
MASCATE — Na igreja?
BISPO — NA CADEIA!!!
MASCATE — Ora, senhor Bispo... Eu garanto que é igual... igualzinha!
BISPO — E não tente fugir!
JUCA — Ah!... Isso vai ser difícil...
BISPO — Não venda mais nada!
MASCATE — Não senhor... (O Bispo vai se retirando) A bênção, senhor Bispo...
BISPO (Embaraçado) — De-deus o abenço...
(Os fieis um a um beijam a mão do Bispo e se retiram. Na sacristia).



P. CAMILO — Agora vá chamar o sacristão. Novamente em cena o verdadeiro santo milagroso!

(O Bispo dirige-se à sacristia. Padre José sai e encontra-se com o Bispo, na porta).

P. JOSÉ (Assustado) — SENHOR BISPO!

BISPO — Bom dia, padre...

P. JOSÉ — Bom dia...

BISPO — Tudo preparado para a cerimônia da Aleluia?

P. JOSÉ — Quase tudo...

BISPO — Que vinho usa no sacrário?

P. JOSÉ — O "Pindorama" de uva moscatel do Rio Grande do Sul...

BISPO — Hum... Bom... Pode deixar que eu mesmo celebrarei a santa missa...

P. JOSÉ — Será uma honra para mim...

(Nesse interim, o Jornalista entra pé ante pé, na sacristia. Vai examinar o guarda-roupa).

BISPO — Estive esta manhã, verificando certas coisas...

P. JOSÉ — Sei... sei...

BISPO — Temos muito que conversar...

P. JOSÉ — Pois não, D. Arlindo...

(O Jornalista acha o manequim no guarda-roupa e uma velha batina. Veste a batina no manequim, e coloca-o diante do Pastor coberto. Toma posição e bate fotografias do manequim de costas, com o Pastor ao fundo, como santo).

BISPO — O que acha o senhor desta imagem?

P. JOSÉ — Nada especial...

BISPO — Pois eu preciso analisá-la melhor... For favor, vá até a casa paroquial e mande trazer minha valise com os óculos...

P. JOSÉ — Pois não...

(Na sacristia, o jornalista começa a olhar todos os santos, levantando os sudários roxos).

BISPO — O senhor vai confessar, padre?

P. JOSÉ (Assustado) Confessar... o que?

BISPO — Confessar e comungar.

P. JOSÉ — Ah... sim... Confessarei...

BISPO — Eu o espero na igreja.

(Padre José sai atônito. O Bispo entra na sacristia no momento exato em que o Jornalista prepara-se para levantar o sudário do Pastor).

BISPO — Que significa isto?

JORNALISTA — Ah!... Sua Excelência, o Bispo!

BISPO — Que deseja?

JORNALISTA — Esperava o senhor para tirar uma foto!

BISPO — Foto?

JORNALISTA — Não se mova! (bate uma chapa) Perfeito! Para a capa da revista das "Famílias Cristãs" de São Paulo!

BISPO — Está pensando que aqui é a casa da sogra?

JORNALISTA — A casa de Deus, senhor Bispo!

BISPO (Ao manequim) E o senhor, que deseja?

JORNALISTA — É um modelo...

BISPO (Batendo com as mãos no manequim) Ah, um boneco! Não enxergo nada sem os óculos... (Pegando o manequim) Leve seu modelo daqui!

JORNALISTA — Não, este manequim...

BISPO — Saia logo, moço! Que petulância! (O Bispo empurra o jornalista, dando-lhe o manequim. O Jornalista vai ter com o Mascate).

MASCATE — Conseguiu?!

JORNALISTA — Consegui! Até do Bispo!

MASCATE (Apontando o manequim) Que é isso?

JORNALISTA — Presente do Bispo... Vamos revelar as fotografias!

MASCATE — Não posso snir daqui... O Bispo percebeu que meu santo era um santo de "araque"... Estou sendo vigiado...

JORNALISTA — Tenho pressa... Até depois...

(O Jornalista sai rapidamente com o manequim, cruzando com o Padre José e Dito que carrega a valise do Bispo).

P. JOSÉ (Vendo o manequim) — Será o Benedito? (Apressa o passo) Ou será o Francisco?

(Padre José e Dito entram na sacristia).

P. JOSÉ — Onde está o senhor Bispo?

DITO — Deve está no altar...

P. JOSÉ — Vá até lá verificar... (Dito sai) É o Camilo?

P. CAMILO (Descobrindo a cabeça) Não, é o Francisco!

P. JOSÉ — Ah, então era ^{manequim} ~~o santo~~! (Abre o guarda-roupa) Ah, meu santo Deus! Como foi?

P. CAMILO — Sei lá... Uma confusão... Vá chamar o Dito!

P. JOSÉ — Para que?

P. CAMILO — Para o milagre...

P. JOSÉ — Está louco?

P. CAMILO — Tem que ser agora...

(Dito volta. Pastor Camilo se cobre).

DITO — O Bispo está fuzilando de raiva, só porque eu não preparei o altar... Mandou buscar os óculos!

P. JOSÉ (Pegando a valise) — Eu os levo... (De saída) Faça uma oração no santo... Quem sabe assim ele pode resolver seu problema... Não... Não faça nada... Depois...



(Sai para o altar).
DITO — Uai... Que deu no "seu" vigário? Vou fazer uma oração, sim... (Ajoelha-se diante do Pastor).

P. CAMILO Voz empastada, sob o pano). — Dito!... (Dito pula para traz).

P. CAMILO — Case-se com Teresinha! Um filho se concebe sob um teto cristão e não sob uma ponte!

DITO — MILAGRE!!!

P. CAMILO — Deus que abençoe você e Teresinha!

DITO (Começa a fazer estardalhaço) Milagre! Milagre!

(O Bispo entra correndo. O Padre José atrás).

BISPO — Que foi, menino?

DITO — Ele falou!

BISPO — Quem?

DITO — Milagre!

BISPO — Que foi?

DITO — O santo falou!

BISPO (Segurando Dito) — O santo?

DITO — Alcancei a graça! (Padre José agoniza da porta).

BISPO (Balançando Dito) — Fique quieto!

DITO (Caindo) de joelhos) — São Francisco!!!

BISPO — (Levantando-o) Deixe disso!

DITO — O santo falou comigo!

BISPO — Deixe de bobagens!

DITO — Eu escutei. Ele disse que eu posso...

BISPO — Pare quieto!

DITO — ... eu posso casar! (Cai de joelhos).

BISPO — Isto é pecado!

DITO — Posso casar! Meu amado santo!

BISPO — Deixe de coisas! Levanta-o.

DITO — (cai de joelhos) Não faça isso!

DITO — Me deixe ajoelhado!

(Bispo anda de um lado para outro).

DITO — "Padre Nosso que estais no céu...

BISPO — Pare!

DITO — ... "venha a nós o Vosso Reino..."

BISPO — Irreverente!

DITO — Eu escutei!

BISPO — Não é possível!

DITO — Foi milagre!

BISPO — Foi nada!

DITO (levanta-se) O senhor é um incrédulo!

BISPO — Olhe com quem está falando!

DITO — Com um bispo que nem sabe o que é um milagre! Nunca escutou um santo!

BISPO — Não deturpe as coisas sagradas da Igreja!

DITO — Igreja pro senhor é roupa bonita e boa comida!

BISPO — Menino!

DITO — O senhor usa a Igreja pra viver bem!

BISPO — Saia daqui!

DITO — Politiqueiro!

BISPO — SUMA!!!

DITO — Hereje de uma figa!

(Dito sai correndo para a ponte, gritando).

DITO — TERESINHA! TE-RE-SI-NHA!!! (Sai gritando em direção à casa do Pastor. Da sacristia o Bispo assiste tudo, estupefato).

BISPO — É o fim do mundo! Eu não entendo mais nada! Escutam santos falar, alcançam graças incríveis! Essas muletas, esses retratos, essas peças de cera, esse sacristão maluco... (Tira do bolso) Sabe o que é isso?

P. JOSÉ — Um prego!...

BISPO — O pagamento de uma graça alcançada por uma mãe! É o cúmulo! O filho engoliu o prego e ela prometeu o prego ao santo se ele ajudasse o filho a... O santo virou purgante! Não sei como pode acontecer isso!

P. JOSÉ — Fé, D. Arlindo... Fé...

BISPO — Fezas, isto sim... Fezas! E não é só isso! Veja essa imagem (Mostra-a) Santo Antônio, pintado com barba para ser vendido como São Francisco! Isto é coisa de cadeia!

P. JOSÉ — Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa...

BISPO — Pior ainda é a exploração política! Maldito Coronel Chiquinho! O senhor viu a faixa em frente ao comitê político? "Coronel Francisco saudá São Francisco"!

P. JOSÉ — É a redenção do Coronel que volta para nossa igreja...

BISPO — Redenção?! Pois eu vou arrasar mais uma vez com o Coronel! Hoje, durante o sermão vou alertar a população contra esse ato demagógico e sacrilégio do Coronel!

P. JOSÉ — Vai se repetir tudo outra vez!

BISPO — E a culpa é sua, padre! Por isso resolvi transferi-lo para o "Recolhimento de São Pedro", na Capital. Para que dedique seus últimos dias à meditação.

P. JOSÉ — Meditação... Eu meditei a vida toda... Agora eu quero fazer alguma coisa de útil... Eu não posso deixar esta cidade!

BISPO — Não esqueça a sua condição de obediente servidor de Deus!

P. JOSÉ — Eu nunca servi a Deus!

BISPO — A sua permanência na cidade é prejudicial à nossa diocese...



P. JOSÉ — Prejudicial, D. Arlindo? Justamente agora que eu quero realizar alguma coisa?

(O Bispo enquanto fala, vai tirando os sudários roxos dos santos).

BISPO — Formou-se à sua volta uma crença de santidade e o povo passou a idolstrar uma pessoa e não a instituição de Cristo!

P. JOSÉ — Mas eu represento a Igreja!

BISPO — Estamos quase na hora da missa. Durante o evangelho anunciarei ao povo sua partida e exaltarei sua pessoa.

P. JOSÉ — Minha partida, quando?

BISPO — Amanhã, comigo...

P. JOSÉ — Amanhã...

(Todos os santos já estão descobertos, com exceção do Pastor Camilo. O Bispo dirige-se para ele. Padre José percebe a situação).

P. JOSÉ (Interceptando a passagem) — Pode deixar. Eu descubro este! Promessa...

(O Bispo olha desconfiado e retira-se para o altar).

P. CAMILO — Não agüento mais! (Descobre-se).

P. JOSÉ — Fique coberto!

P. CAMILO — Logo chega a imagem verdadeira... Era para chegar no trem das onze e quarenta e cinco...

P. JOSÉ — Faltam cinco minutos para o meio-dia... (Abre a porta da sacristia e olha para a praça) Nem sinal de santo...

(O Jornalista passa rapidamente pelo Mascate).

MASCATE — E o trem?

JORNALISTA — O das onze e quarenta e cinco está com uma hora de atraso! (Sai).

MASCATE — Estou perdido!

P. JOSÉ — Estou perdido! (Entra)

P. CAMILO — Podemos tomar cadeira!

P. JOSÉ — De santo a salafrário!

P. CAMILO — Só temos uma saída!

P. JOSÉ — Qual?!

P. CAMILO — A fuga!

P. JOSÉ — A fuga... não evitará minha excomunhão!

P. CAMILO — Mande o Papa às favas!

P. JOSÉ — O Papa às... não posso...

P. CAMILO — Pense na sua vida!

P. JOSÉ — Pensar em mim? Quem sou eu, sózinho?

P. CAMILO — Um homem, antes de tudo!

P. JOSÉ — Eu sem a Igreja não sou nada!

P. CAMILO — Cada um de nós é uma igreja sózinho!

P. JOSÉ — Senhor Camilo... Não é hora para tentar me converter...

P. CAMILO — Eu e o senhor somos duas igrejas! Vamos uni-las e fundar um terceira!

P. JOSÉ — Credo!

P. CAMILO — O senhor abandona o Vaticano e eu abandono a minha igreja! Fundaremos a nossa "Igreja do Novo Pensamento Cristão"!

P. JOSÉ — Céus!

P. CAMILO — Tremos para bem longe e iniciaremos a nossa doutrinação! No Acre!

P. JOSÉ — No Acre tem índio!

P. CAMILO (Meio em delírio) — Uma Igreja onde não se fale só latim e se leia trechos da Bíblia, mas onde se ensine o povo a pensar e enxergar as injustiças sociais!

P. JOSÉ — Isto me cheira a...

P. CAMILO — Cada membro da Igreja trabalhará não para si e sua família, mas para um fundo geral da Igreja que distribuirá a cada um, segundo as suas necessidades. Não existirão nem ricos, nem pobres nessa maravilhosa comunhão de bens!

P. JOSÉ — Isto é comunismo!

P. CAMILO — Vejo a raiz da nossa Igreja alastrar-se e dominar o país!

P. JOSÉ — O senhor está delirando!

P. CAMILO — ... Ultrapassar as fronteiras, dominar todo o continente, atravessar os mares e chegar do outro lado do mundo! Os japoneses conhecerão nossa doutrina! Os indianos e europeus, também!

P. JOSÉ — Acorde senhor Camilo! (Chacoalha o Pastor Camilo).

P. CAMILO — Os americanos e judeus serão doutrinados!

P. JOSÉ — Homem dos céus!

P. CAMILO (Abraça Padre José numa atitude heróica) — Vamos! Vamos partir!

(O Bispo entra. Pausa. Enbaraço).

BISPO — Quem será o sacristão para iniciarmos a cerimônia? (Olha o Pastor Camilo) Que é isso. (Bate com os nós dos dedos no Pastor) Outro manequim?

P. JOSÉ — Este é o senhor Camilo, pastor da Igreja Protestante...

BISPO — Que deseja o senhor no sagrado templo católico?

P. CAMILO — Explique a ele, senhor José...

P. JOSÉ — Eu... Bem... o senhor Camilo...

P. CAMILO — Fale-lhe da "Igreja do Novo Pensamento Cristão"!

BISPO — Igreja do Novo Pensamento... o quê?

P. CAMILO — Esta doutrina é...

P. JOSÉ (Interceptando) — E que o senhor Camilo veio fazer algumas reclamações, senhor Bispo...

BISPO — Reclamações?



P. CAMILO — Reclamações?

P. JOSÉ — O senhor Camilo pede a minha transferência da cidade...

BISPO — Transferência?! (Indignado) Com que petulância o senhor pede a transferência de um ministro da minha Igreja?

P. CAMILO — Eu...

(Pausa)

BISPO — Não tem coragem de enfrentarme? Vamos, fale a mim e não a meu pobre e indefeso pároco!

P. CAMILO — Bem... é que... êsse... êsse milagre que tomou conta da cidade está prejudicando minhas atividades de evangelizador... Esta farsa...

BISPO — Farsa?!

P. CAMILO — Esta farsa está roubando à minha Igreja os mais dedicados adeptos, guiados pela propaganda demagógica desse pároco que escuta santos falar, alcança graças incríveis!

BISPO — O povo nunca esteve tão fervoroso!

P. CAMILO — Essas muletas, êsses retratos, essas peças de cera... (Pegando o prego sobre a mesa) êsse prego... Não sei como pode acontecer tudo isso...

BISPO — Fé, senhor Pastor... Fé!

P. CAMILO — Fé... Não é bem isso... O povo está deturpando as coisas da vossa Igreja... Veja essa imagem! (Pega-a) Um outro santo, pintado com barba para ser vendido como o santo milagroso!

BISPO — Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa!

P. CAMILO — É a exploração política? Há uma faixa em frente ao comitê político do Coronel: "Coronel Francisco ajuda São Francisco"!

BISPO — E a... É a...

P. JOSÉ — Redenção...

BISPO — É a redenção do Coronel que volta para nossa Igreja!

P. CAMILO — Formou-se à volta desse padre uma crendice de santidade e isto é prejudicial à nossa cidade...

BISPO — Prejudicial, por que?

P. CAMILO — O povo passou a idolatrar uma pessoa e não a uma instituição de Cristo... e ele passa a ser um todo-poderoso!

BISPO — Nossos ministros representam nossa Igreja!

P. CAMILO — Este homem é nocivo à cidade!

BISPO — Convença o povo disto!

P. CAMILO — É necessária e urgente sua transferência!

BISPO — Nunca! Daqui êle não sairá!

(Padre José está boquiaberto. Dito entra da rua).

DITO — Estou atrasado, seu vigário?

P. JOSÉ — Está.

BISPO — E não temos mais assuntos a tratar, senhor Pastor! Passe bem! (Para Dito) Você levou a imagem de São Francisco para o altar?

DITO — Eu? Não!... Creguei agora...

BISPO — Pois pode arrumar a trouxa e ir embora. (Ao Padre) Onde está a imagem, padre?

P. JOSÉ — A imagem de São Francisco?

DITO — O santo milagroso?

P. CAMILO (Apontando o nicho vazio) — Não é esta?

BISPO — Qual?

P. CAMILO — Esta imagem...

BISPO — Imagem?!

P. CAMILO — Imagem de São Francisco, se não me engano...

BISPO — Não vejo!

P. CAMILO — Aqui!

BISPO — Onde?

P. CAMILO — Esta que o padre descobriu agora pouco... que estava coberta com êsse pano... Não é esta, senhor José?

P. JOSÉ — É... é sim...

BISPO — O senhor está vendo?

P. JOSÉ (Recessa) — Ah, no nicho...

BISPO (Aproxima-se) — No nicho?

(Dito aproxima-se indignado do nicho).

P. CAMILO — A imagem que tanta desordem tem provocado!

P. JOSÉ — Desordem não, senhor Camilo. Milagre!

P. CAMILO — Desordem!

P. JOSÉ — Milagre!

BISPO — Os senhores... Meus óculos! Meus óculos! (Sai para o altar).

DITO — O senhor está vendo mesmo?

P. JOSÉ — Sim Dito... ("Assustadíssimo") Você não vê?!

DITO — Eu...

P. CAMILO — Os pecadores não conseguem ver as imagens milagrosas...

P. JOSÉ — Você não vê, meu filho?

DITO — Vejo... Vejo, sim senhor...

P. CAMILO — Uma vez eu soube de um caso parecido, em vossa Igreja... Só conseguiram ver a imagem milagrosa as pessoas puras, sem pecado!

DITO — Mas eu estou vendo, sim...

(O Bispo volta com os óculos).

DITO — É pra levar o santo para o altar, "seu" vigário?



BISPO — Santo? Que santo?
DITO — São Francisco...
BISPO — Onde?
P. CAMILO — Não vê?...
P. JOSÉ — Não vê?
BISPO — Não, ora essa!
DITO — Credo!
BISPO — Ali no nicho?...
DITO — No nicho...
P. CAMILO — Imponente e magnífica!
BISPO — Confesso... Não vejo imagem nenhuma!
DITO — O senhor é pecador!
BISPO — Menino!
DITO — Pecador! Pecador! (Corre para a porta).
BISPO — Para com isso!
DITO — PECADOR!!! (Sai correndo para a praça) O Bispo é pecador! O Bispo não vê o santo! (Sai gritando).
BISPO — Que gritaria é essa?
P. JOSÉ — Não sei...
P. CAMILO — Por certo, Dito está espalhando vossa pilhéria no povo!
BISPO — Que pilhéria?
P. JOSÉ — Vossa brincadeira, D. Arlindo!
BISPO — Mas que brincaedira, homem?
P. JOSÉ — De não ver a imagem de São Francisco!
BISPO — Eu acho que estou sonhando! Que se passa com vocês? Vocês estão brincando?
P. CAMILO — Como, senhor Bispo?
P. JOSÉ — Brincando, por que?
BISPO (Desesperado) — Eu não vejo nada! (É consolado pelo padre e pastor).
(Na praça, Coronel Chiquinho reúne três homens).
CORONEL — Essa é a nossa oportunidade! Eu soube que o Bispo quer nos atacar outra vez, durante o sermão! Espalhem pela cidade inteira que ele não consegue ver o santo milagroso, por causa dos seus pecados! (Os três vão saindo) Voltem! Tem mais! (Os três voltam) Todo-mundo no partido tem que ver o santo! Se houver por acaso algum pecador que não consiga ver, digam a ele para fingir! (Eu quero que nessa cidade inteira, somente um homem tenha pecado: o Bispo! (Faz um sinal. Os três retiram-se, cada qual para um lado).
(O Coronel Chiquinho dirige-se à sacristia. Entra).
CORONEL — Bom dia, senhores!
P. JOSÉ — Coronel... (Olha receoso ao Bispo que se recompõe).

CORONEL (Dirigindo-se ao nicho vazio) — Bela imagem, Padre José! Bela imagem! Vê-se logo que é uma imagem milagrosa! Que bela expressão no olhar! (Ao Pastor Camilo) Muito bem, Pastor! Veio depor vossa fé junto à imagem milagrosa?!
P. CAMILO — Vim conversar com o Padre José...
CORONEL — Negócios?
BISPO — Reivindicações absurdas! (Sai para o altar).
CORONEL — Absurdas? Que deseja o senhor que "sua santidade", o Bispo, não aprova?
P. CAMILO — Fundar uma escola junto ao Padre José.
CORONEL — Uma escola?!
P. CAMILO — A escola do Novo Pensamento Cristão!
CORONEL — E o Bispo não permite?...
P. CAMILO — Não deseja a união dos ideais do Padre José com os meus... (Trágico) Fracassamos!
CORONEL — Longe disso!
BISPO (Voltando) — Vamos iniciar a missa, Padre...
CORONEL (Provocador) — Aproveito essa oportunidade para doar aos santos párocos das igrejas de nossa cidade, minha propriedade e meu apoio financeiro, para a construção de uma escola!
BISPO — Toque o sino, Padre... a passa do meio-dia! (Sai).
(Coronel abre a porta da sacristia).
CORONEL — Povo de minha terra! (As pessoas se agrupam perto da porta) Este é o momento de exaltação de nossa fé! Eu me sinto orgulhoso de poder, junto aos santos de nossa cidade, Padre José e Pastor Camilo, anunciar a fundação da escola modelo de bondade! A Escola do Novo... Novo o que?
PADRE e PASTOR — Novo Pensamento Cristão?
CORONEL — Novo Pensamento Cristão! Vamos todos festejar este grande acontecimento, com banda, foguetes e uma chuva de rosas!
(Vivas entre o povo. O Coronel sai acompanhado pelo povo. Fica apenas Teresinha na praça, que dirige-se para a sacristia).
DITO (Entrando afobado na sacristia) — Padre José! O Bispo começou a missa sozinho, e não tem ninguém na igreja!
P. JOSÉ — Oh, meu São Benedito...
P. CAMILO — Não pense mais no Bispo. É carta fora do baralho!
(Teresinha entra na sacristia. Quase desmaiada de susto). !



TERESINHA — Oh!...

P. CAMILO — Que foi, Teresinha?
(É acudida por todos).

TERESINHA (Chorando) — O nicho... o nicho vazio!

P. JOSÉ — Nicho vazio...

TERESINHA — Eu sou uma pecadora!

DITO — Não chore, Teresinha... Eu também não vi o santo...

TERESINHA — Você me levou para o mau caminho, com sua maçã...

P. CAMILO — Ora, não se aborreça... Antes do casamento você verá, pode ter certeza!

TERESINHA — Antes do casamento com Dito?

P. JOSÉ — Mas é preciso que deixem de se encontrar na ponte...

(Simão e Takawa, vindos do fundo, trazem a imagem verdadeira embrulhada em papel e colocada sobre um andor. Batem à porta da sacristia).

TERESINHA — Se eu voltar a ser como antes, eu vejo o santo?

P. CAMILO — Vê... (Atende a porta) Muito antes do que você pensa... (Fecha a porta). Agora vá com Dito para a festa! Pela porta do altar...

DITO — O Bispo está rezando a missa... Vamos atrapalhar...

P. CAMILO — Reza de pecador não tem valor...

(Dito e Teresinha saem).

P. CAMILO (Abrindo a porta) — Chegou o santo verdadeiro...

SIMÃO (Entrando) — O trem atrasou, senhor Camilo...

P. CAMILO — Até que foi bom...

TAKAWA — Quando precisar é só chamar...

SIMÃO — E pagar... (Estende a mão. O Pastor dá-lhe um níquel. Takawa e Simão saem).

P. CAMILO — Estamos salvos!

P. JOSÉ — Vamos desembrulhar e mostrar ao povo!

P. CAMILO — Não! Espere! O povo é pecador e não deve ver o santo!

P. JOSÉ — Que?!

P. CAMILO — Para que cada fiel consiga ver o santo, é preciso antes que cumpra uma boa ação para purificação da alma! Vamos esconder a imagem no armário! Deixaremos que a imagem seja vista apenas pelos que merecem!

P. JOSÉ — Apenas os que merecem?...

P. CAMILO — Com esse incentivo, em breve toda a cidade poderá ver! Nós julgaremos os bons e os maus... Aos bons mostraremos a imagem...

P. JOSÉ — E aos maus o andor vazio...

P. CAMILO — Teremos o controle da população! Controle espiritual!

P. JOSÉ — Mas é uma mentira!

P. CAMILO — Os meios não importam quando o fim é para o bem!

P. JOSÉ — Deve haver um meio de dar tudo ao povo dentro da verdade!

(Ouve-se uma banda que se aproxima. Pastor Camilo guarda a imagem no armário).

P. CAMILO — A banda vem aí! Vamos ao encontro do povo com o andor vazio!

P. JOSÉ — Ao encontro do povo?

P. CAMILO — Pegue na outra ponta... (Levanta o andor) Vamos, levante!

(O andor é erguido, e os dois religiosos saem carregando-o até à praça).

P. JOSÉ — Não posso... Não posso enganar a todos!

P. CAMILO — Padre, controle-se... O andor está virado. Assim a "imagem" cai...

P. JOSÉ — Vou contar a verdade a todo-mundo!

P. CAMILO — É o nosso fim!

P. JOSÉ — O começo para eles!

P. CAMILO — Eles vão fazer revolução!

P. JOSÉ — Eu vou ajudar!

P. CAMILO — Quietos... Estão chegando... Faça um ar santificado.

(Entra o cortejo na praça, tendo o Coronel à frente. Dois homens carregam uma faixa: "Coronel Francisco saúda São Francisco").

CORONEL — Silêncio!!! (A banda pára. Aos poucos, faz-se silêncio). Ajoelhemos diante da imagem de São Francisco Milagroso! Adoremos esta beleza incomparável, que só os puros e santificados podem ver!

(O Coronel se ajoelha. Aos poucos, todas as pessoas vão se ajoelhando. O Bispo aparece com sua valise. Está de partida).

CORONEL — Perdoai, oh santo milagroso, os pecadores dessa cidade, que não conseguem ver vossa deslumbrante beleza!

(O Bispo vagarosamente começa a atravessar a praça. O Padre treme. Todos acompanham o Bispo com o olhar).

MASCATE — Está vendo, senhor Bispo? (Aponta o andor) Igualzinha a que eu vendi! Não é mesmo, senhor Bispo?... (Risadas) O senhor não pode mais me mandar prender...

(Pausa. O Bispo aproxima-se vagarosamente do andor).



BISPO — Igual?! Completamente diferente, senhor Mascate! Aquela é Santo Antônio! Esta é São Francisco de Assis! Olhe as feições como são diferentes. Note a expressão dos olhos de São Francisco buscando Deus na sua infinita soberania!

1.º FIEL — Eu quero meu dinheiro de volta!

(O Mascate tenta fugir).

2.º FIEL — Pega!!! Pega!!!

FIEIS — Pega!!! (O Mascate é cercado).

JUCA — Malha o safado!

BISPO — Esperem! (Nôvo silêncio) Soltem o rapaz! (Os fiéis obedecem). Vamos provar ao santo, que somos todos pessoas de alma pura e coração bom. Perdoemos o gesto feio dessa pobre criatura. É o primeiro passo para ver o santo, para aqueles que por infelicidade ainda não viram... Todos que quiserem ver o santo, devem saber perdoar mesmo os inimigos mais baixos e traiçoeiros.

CORONEL — Eu o perdôo, bondoso Bispo...

BISPO — Eu também o perdôo, ilustre Coronel...

P. JOSÉ — Senhor Bispo... Uma pergunta... O senhor vai comunicar o fato milagroso ao Arcebispo?

BISPO (Hesita) — Si-sim... naturalmente...

P. JOSÉ — E o Arcebispo ao Cardeal?...

BISPO — Por certo...

P. CAMILO — E com seu depoimento o Vaticano reconhecerá o fato?

BISPO — Provavelmente...

JORNALISTA (Num urro) — FURO SENSACIONAL!!! O primeiro do mundo a noticiar! (Manchete:) PROCESSO DE CANONIZAÇÃO DE DOIS SANTOS BRASILEIROS!!! (Sai correndo).

P. JOSÉ — Um momento... Tenho uma revelação importante a fazer! (Pausa) O SANTO É O PASTOR!

P. CAMILO — O SANTO É O PADRE!

(Um tempo).

CORONEL — OS DOIS SÃO SANTOS!!!

UM FIEL — OS DOIS!!!

OUTRO FIEL — OS DOIS SÃO SANTOS!!!

JUCA — VIVA O SANTO PASTOR CAMILO!!!

TODOS — VIVAAA!!!

CORONEL — VIVA O SANTO PADRE JOSÉ!!!

TODOS — VIVAAA!!!

(Todos se ajoelham, inclusive o Bispo. Um avião sobrevoa a praça e lança rosas sobre a multidão. A banda volta a tocar. Pastor Camilo e Padre José divertem-se canonicamente, enquanto o povo reza a seus pés).

F I M

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Esta peça só poderá ser apresentada em espetáculo de qualquer natureza, seja por que processo for, mediante autorização prévia da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, que representa o autor, na forma da lei.